

unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara-SP

LUMA CLÉCIA DA SILVA

O grafite nos discursos científicos:
uma perspectiva das ciências da linguagem

ARARAQUARA-S.P.
2023

LUMA CLÉCIA DA SILVA

O grafite nos discursos científicos: uma perspectiva das ciências da linguagem

Dissertação de Mestrado apresentada ao Conselho do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Exemplar apresentado para defesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e Funcionamento Discursivos e Textuais.

Orientador: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela.

Bolsa: CAPES-PROEX.

ARARAQUARA-S.P.

2023

S586g

Silva, Luma Clécia da

O grafite nos discursos científicos: uma perspectiva das ciências da linguagem / Luma Clécia da Silva. -- Araraquara, 2023

107 p. : il., tabs., fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientadora: Jean Cristtus Portela

1. Discurso Científico. 2. Grafite. 3. Historiografia. 4. Teorias do
Discurso. 5. Teorias do Texto. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

LUMA CLÉCIA DA SILVA

O grafite nos discursos científicos: uma perspectiva das ciências da linguagem

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Exemplar apresentado para defesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e Funcionamento Discursivos e Textuais.

Orientador: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela.

Bolsa: CAPES-PROEX.

Data da defesa: 23/01/2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela
Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara

Membro Titular: Profa. Dra. Renata Ciampone Mancini
Universidade de São Paulo (USP) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP

Membro Titular: Profa. Dra. Flavia Karla Ribeiro Santos
Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Às pessoas que foram e ainda são oprimidas pelas relações de poder.
Que sejamos todos ouvidos, inclusive em meio à ciência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Karina Clécia e Luiz Carlos, cujo incentivo à leitura e aos estudos foram incessantes ao longo da minha vida, assim como o amor, o cuidado e todo o encorajamento para ir em busca do que me faz feliz.

Às minhas irmãs, Ágata e Diana. À Ágata, por estar sempre comigo, atender meus telefonemas, às vezes mais de três vezes por dia, chorando, reclamando e pedindo conselho. À Diana, pelas identificações ideológicas e por confiar em mim coisas da vida que eu sei que são muito difíceis de encarar.

À minha família de maneira geral, que mesmo de longe tem sido presente.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Jean Cristtus Portela, por depositar em mim a confiança durante todo o tempo de orientação. Por ser uma imensa inspiração e me impulsionar academicamente. Por me receber tão cedo como orientanda e me acolher no grupo quando eu ainda era uma universitária meio perdida, querendo ser semiótica. Enquanto mestranda o desejo ainda continua e por isso agradeço ao Jean por seguir comigo diante da vontade de fazer doutorado.

À Profa. Dra. Patricia Veronica Moreira por sempre ser uma amiga ao longo da minha jornada acadêmica, que desde o começo da graduação tem sido uma parceira imensurável. Agradeço pelas chamadas durante a pandemia e por todas as nossas conversas, em que nos abrimos uma para a outra sobre diversas questões da vida. Além disso, não sei nem como agradecer-lá pela paciência ao me guiar em vários momentos profissionais. Minha eterna inspiração de semiótica.

Aos meus queridíssimos amigos, Tainara, Thainá e Gabriel. Eu nem sei o que seria desse processo sem a presença dessas três pessoas maravilhosas. São amigos que estão presentes em absolutamente todos os momentos de felicidade, de tristeza, de ansiedade e de insegurança. Obrigada, amores da minha vida, pelas ligações durante a pandemia, pelas “chamadinhas” para estudar ou focar, pelos encontros e por fazerem com que eu sempre me sinta amada. Amigos essenciais que sempre nos lembram do quanto é bom viver.

Às minhas amigas, parceiras de apartamento, Paula e Maysa, que sempre tornam meus dias mais felizes e mais leves. Ficar no sofá ou na mesa da cozinha conversando com vocês é uma das coisas que mais iluminam meu dia.

À minha terapeuta, Jaqueline, que em todo momento me deu um amparo muito grande para que eu conseguisse reagir, enfrentar, resistir e lutar diante das intensas adversidades da vida.

Ao meu companheiro, meu mô, Marco Aurélio, por ser meu abrigo, minha morada, meu refúgio e minha felicidade. Fico tão enternecida por quem você é e pela sua presença em minha vida que me esgotam palavras para dizer o que você significa para mim. Obrigada por ser pesquisador comigo, por chorarmos, rirmos e sermos felizes juntos. Te admiro pelo pesquisador, sociólogo, escritor, homem e paizinho de *pet* que você é. Agradeço por continuar existindo comigo.

Ao Marofinha, o gatinho mais maravilhoso do mundo, que me deu muito carinho e amor. Tudo isso foi combustível para vida.

À Profa. Dra. Flavia Karla Ribeiro Santos, ao Prof. Dr. Thiago Moreira Corrêa, por terem aceitado fazer parte da banca de qualificação, por todas as contribuições enriquecedoras e necessárias ao trabalho.

À Profa. Dra. Renata Ciampone Mancini, que, junto da Profa. Flavia, aceitou o convite para integrar a banca de defesa. Obrigada também pelos direcionamentos durante o SELin de 2021, que foram tão importantes no desenvolvimento desta dissertação.

Não posso deixar de agradecer a todas as pessoas do GPS por todas as trocas e pelo acolhimento desde o meu primeiro ano da graduação, em 2017, e por serem resistência em meio ao descrédito científico. Em especial à Euzenir, companheira e amiga de surtos. E ao Gustavo, por aceitar fazer uma revisão tão rapidamente.

Agradeço também à CAPES, pela bolsa de mestrado, pois, sem ela, todo o trabalho, todos os eventos e toda a pesquisa teria sido muito mais difícil. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que fizeram parte dessa caminhada comigo. Todos os amigos e amigas que fiz nos eventos e nas disciplinas. Aos professores que tive o prazer de conhecer durante as aulas. Assim como aos funcionários da UNESP que sempre se mostraram muito profissionais e atenciosos. Todos vocês tornaram esse percurso acadêmico mais alegre, prazeroso e enriquecedor.

*On écrit sur les murs le nom de ceux qu'on aime
Des messages pour les jours à venir
On écrit sur les murs à l'encre de nos veines
On dessine tout ce que l'on voudrait dire
On écrit sur les murs la force de nos rêves
Nos espoirs en forme de graffiti
On écrit sur les murs pour que l'amour se lève
Un beau jour sur le monde endormi [...]*

Demis Roussos, 1989.

RESUMO

O grafite, texto-enunciado de tipo visual ou verbovisual, trata-se de um tipo de texto que possui um caráter sincrético e semissimbólico. Refere-se a uma prática, essencialmente urbana, de cunho social, artístico e marginal e que, além disso, possui grande importância no cenário e desenvolvimento da sociedade contemporânea, uma vez que evidencia manifestações de grupos minoritários, demonstrando ações de ativismo político e de produção artística. Por conseguinte, surge a indagação a respeito da existência de pesquisas que versam sobre o grafite na perspectiva de abordar estudos da linguagem ou se outras áreas fazem uso de teorias linguísticas para incorporar à análise desse tipo de texto. Neste sentido, este trabalho não visa analisar o grafite em si, mas realizar um estudo acerca da forma como o grafite, e todas as suas variações de prática de inscrição, são analisados enquanto objeto de pesquisas nas áreas das ciências da linguagem, tendo em vista a linguística, a análise do discurso e a semiótica. Dessa maneira, foi realizado um recenseamento e análises de textos que tratam do grafite como código linguístico e languageiro, em bases de dados de diversas universidades estaduais e federais brasileiras, assim como de revistas das áreas das ciências da linguagem, utilizando palavras-chave como grafite em suas diversas grafias, como graffiti, grafito e grafite; pixo; pichação; *tag*; *throw-up*; lambe-lambe. Sendo assim, a dissertação busca contemplar a visão que a teoria semiótica, assim como os estudos próximos a ela, têm do grafite, visando a uma sistematização dos aspectos e conceitos utilizados para analisá-lo, de modo a contribuir para o desenvolvimento de análises que focalizam a sua construção de sentido, de maneira a refletir sobre os processos que geram a significação nesse tipo de texto.

Palavras-chave: Discurso Científico; Grafite; Historiografia; Teorias do Discurso; Teorias do Texto.

ABSTRACT

Graffiti, text-utterance of visual or verbovisual type, is a type of text that has a syncretic and semipsychological character. It refers to a practice, essentially urban, of social, artistic and marginal nature and that, moreover, has great importance in the scenario and development of contemporary society, since it shows manifestations of minority groups, actions of political activism and artistic production. Therefore, the question arises about the existence of research on graffiti from the perspective of addressing language studies or if other areas make use of linguistic theories to incorporate the analysis of this type of text. In this sense, this work does not aim to analyze the graffiti itself, but to conduct a study about how graffiti, and all its variations of inscription practice, are analyzed as an object of research in the areas of language sciences, with a view to discourse analysis and semiotics. In this way, a census and analysis of texts dealing with graffiti as a linguistic and linguistic code was carried out in databases of several Brazilian state and federal universities, as well as magazines in the areas of language sciences, using keywords such as graphite in its various spellings, such as graffiti, graphite and graphite; Pixo; pichação; tag; throw-up; lambe-lambe. Thus, the dissertation seeks to contemplate the view that semiotic theory, as well as the studies close to it, have of graphite, aiming at a systematization of the aspects and concepts used to analyze in order to contribute to the development of analyses that focus on their construction of meaning, in order to reflect on the processes that generate meaning in this type of text.

Keywords: Graffiti; Historiography; Scientific Discourse; Theories of Speech; Theories of the Text.

RÉSUMÉ

Le graffiti, texte-énoncé de type visuel ou verbovisuel, est un type de texte qui a un caractère syncrétique et semi-flamand. Elle se réfère à une pratique essentiellement urbaine, sociale, artistique et marginale et qui, en outre, revêt une grande importance dans le paysage et le développement de la société contemporaine, car elle met en évidence des manifestations de groupes minoritaires, démontrant des actions d'activisme politique et de production artistique. Par conséquent, la question se pose de savoir s'il existe des recherches sur le graphite dans la perspective d'aborder les études du langage ou si d'autres domaines utilisent des théories linguistiques pour incorporer à l'analyse de ce type de texte. En ce sens, ce travail ne vise pas à analyser le graphite lui-même, mais à mener une étude sur la façon dont le graphite, et toutes ses variations de pratique d'inscription, sont analysés comme objet de recherches dans les domaines des sciences du langage, en vue de la linguistique, l'analyse de la parole et la sémiotique. De cette façon, un recensement et des analyses de textes traitant du graphite comme code linguistique et languageiro ont été effectués dans des bases de données de diverses universités étatiques et fédérales brésiliennes, ainsi que des revues des domaines des sciences du langage, en utilisant des mots-clés tels que graphite dans ses diverses graphies, comme les graffitis, graphite et graphite; pixo; graffiti; graffiti; tag; throw-up; lambe-lambe. Ainsi, la thèse cherche à contempler la vision que la théorie sémiotique, ainsi que les études proches de celle-ci, ont du graphite, visant à une systématisation des aspects et des concepts utilisés pour analyserLe Livre blanc a pour but de contribuer au développement d'analyses qui se concentrent sur leur construction de sens, de manière à réfléchir sur les processus qui génèrent la signification dans ce type de texte.

Mots-clés: Graffiti; Historiographie; Discours Scientifique; Théories du Discours; Théories du Texte.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	<i>Print</i> da busca detalhada no repositório da UFBA com a palavra-chave “grafite”	35
Figura 2	<i>Print</i> da busca no google pelo repositório da UFBA	36
Figura 3	<i>Print</i> da busca no google pelo repositório da UNEMAT	37
Figura 4	<i>Print</i> do site da UNEMAT: campus Carlos Alberto Reyes Maldonado	37
Figura 5	<i>Print</i> do site da UNEMAT: campus Jani Vanini - Cáceres	38
Figura 6	<i>Print</i> da área do Repositório Institucional no site da UEMG	39
Figura 7	Pichação do movimento estudantil de maio de 1968 em Paris	41
Figura 8	<i>Tags</i> no metrô de Nova York	42
Figura 9	<i>Tag</i> de Demetrius (Demetraki)	43
Figura 10	<i>Throw-up</i> do artista CRATE	44
Figura 11	Arte de rua de Eduardo Kobra na cidade de São Paulo	45
Figura 12	Pixo do #Di# no Conjunto Nacional	46
Figura 13	Prática do grapixo dos artistas Galo, Doidera e Lipe	47
Figura 14	Lambe-Lambe feminista de Lela Brandão na cidade de São Paulo	48
Figura 15	<i>Print – post</i> do dia 14 de janeiro de 2021 – Perfil “@projetemos”	49
Figura 16	Objeto de análise da pesquisa de Alves (2014)	53
Figura 17	Objeto de análise da pesquisa de Vazquez Maciel (2015)	55
Figura 18	Objeto de análise da pesquisa de Cruz (2017)	57
Figura 19	Objeto de análise da pesquisa de Alves (2018)	58
Figura 20	Objeto de análise da pesquisa de Soares (2018)	59
Figura 21	Objeto de análise da pesquisa de Pennachin (2008)	62
Figura 22	Objeto de análise da pesquisa de Sena e Lucas (2014)	64
Figura 23	Objeto de análise da pesquisa de Paiva, Moreira e Oliveira (2015)	65
Figura 24	Objeto de análise da pesquisa de Do Espírito Santo (2015)	66
Figura 25	Objeto de análise da pesquisa de Stefaniu e Raimo (2016)	68
Figura 26	Objeto de análise da pesquisa de Arantes e Almeida (2019)	71
Figura 27	Objeto de análise da pesquisa de Kogawa e Knetsch (2019)	72
Figura 28	Objeto de análise da pesquisa de Teófilo (2011)	76
Figura 29	Objeto de análise de Silva Júnior (2017)	77
Figura 30	Objeto de análise da pesquisa de Oliveira (2018)	78

Figura 31	Objeto de análise de Rocha (2022)	79
Figura 32	Objeto de análise da pesquisa de Baccile (2017)	84
Figura 33	Objeto de análise da pesquisa de Bernardino (2019)	86
Figura 34	Objeto de análise da pesquisa de Reis (2022)	88
Figura 35	Objeto de análise da pesquisa de Tavares (2015)	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Universidades Federais brasileiras	29
Quadro 2	Universidades Estaduais brasileiras	31
Quadro 3	Periódicos da área de Letras e Linguística	33
Quadro 4	Sistematização de artigos – teorias do texto	50
Quadro 5	Sistematização de monografias – teorias do texto	52
Quadro 6	Sistematização de dissertações – teorias do texto	56
Quadro 7	Sistematização de teses – teorias do texto	59
Quadro 8	Sistematização de artigos – teorias do discurso	60
Quadro 9	Sistematização de monografias – teorias do discurso	75
Quadro 10	Sistematização de dissertações – teorias do discurso	81
Quadro 11	Sistematização de teses – teorias do discurso	89

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UEA	Universidade do Estado do Amazonas
UEAP	Universidade do Estado do Amapá
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UEG	Universidade Estadual de Goiás
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão
UEMG	Universidade do Estado de Minas Gerais
UEMS	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UENF	Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro
UENP	Universidade Estadual do Norte do Paraná
UEPA	Universidade do Estado do Pará
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UERGS	Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
UERR	Universidade Estadual de Roraima
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UESC	Universidade Estadual de Santa Cruz
UESPI	Universidade Estadual do Piauí
UESTA	Universidade Estadual do Saber Tradicional da Amazônia
UFABC	Universidade Federal do ABC
UFAC	Universidade Federal do Acre
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande

UFCSPA	Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semi-Árido
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFFS	Universidade Federal da Fronteira do Sul
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFPA	Universidade Federal de Lavras
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
UFOPA	Universidade Federal do Oeste do Pará
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFPR	Universidade Federal do Pampa
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRA	Universidade Federal Rural da Amazônia
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo Baiano
UFRG	Universidade Federal do Rio Grande
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UFRR	Universidade Federal de Roraima
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UFSJ	Universidade Federal de São João del-Rei
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UFTM	Universidade Federal do Triângulo Mineiro
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UFVJM	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
UNB	Universidade de Brasília
UNCISAL	Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas
UNEAL	Universidade Estadual de Alagoas
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNEMAT	Universidade do Estado de Mato Grosso
UNESP	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNICENTRO	Universidade Estadual do Centro-Oeste
UNIFAL	Universidade Federal de Alfenas
UNIFAP	Universidade Federal do Amapá
UNIFEI	Universidade Federal de Itajubá
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
UNILAB	Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
UNIMONTE	Universidade Estadual de Montes Claros
S	
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
UNIPAMPA	Universidade Federal de Santa Maria
UNIR	Universidade Federal de Rondônia
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UNITINS	Universidade do Tocantins
UNIVASF	Universidade Federal do Vale do São Francisco
UPE	Universidade de Pernambuco
URCA	Universidade Regional do Cariri
USP	Universidade de São Paulo
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná

UVA

Universidade Estadual Vale do Acaraú

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 A RESPEITO DA METODOLOGIA E DO TEXTO	25
2.1 Princípios da Pesquisa Historiográfica	25
2.2 Definição e seleção do corpus da pesquisa	28
2.3 História do grafite e as variações da prática	40
3 O GRAFITE COMO CÓDIGO LINGUÍSTICO NAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS	50
3.1 Pesquisas embasadas nas teorias do texto	50
3.2 Pesquisas embasadas nas teorias do discurso	61
4 O GRAFITE DO PONTO DE VISTA DA SEMIÓTICA DISCURSIVA	92
4.1 Análise da utilização da semiótica nos discursos científicos para estudar o grafite	92
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	101

1. INTRODUÇÃO

O grafite é um tipo de texto verbovisual, que, segundo Juliano Dos Santos, José Bertoloto e Ana Graciela Voltolini (2020, p. 1), “é uma manifestação artística, ora crítica, ora subversiva, ora decorativa, ora comunicativa, ora demarcativa, entre outras finalidades”. É um tipo de texto que tem sido feito e disseminado em muitos lugares do mundo por meio da cultura urbana, fortemente ligada à cultura marginal, tendo grande importância na sociedade contemporânea, especialmente na expressão de grupos sociais minoritários e, como os autores abordam, no ativismo político e na produção artística. Mesmo que na marginalidade, o grafite ganhe destaque nos espaços públicos e privados, bem como na mídia universal.

As manifestações artísticas, em suas inúmeras produções, são o reflexo do mundo e das vivências dos indivíduos, sendo possível inferir que toda arte conta uma história. O mesmo ocorre com o grafite. Segundo Armando Silva (2014):

O conjunto grafite de uma cidade não é sistemático nem pode ser concebido em um modelo formal ou um quadro único que recolha sua semanticidade internacional, mas é viável pensar que o conhecimento geral das tendências do conjunto permite compreender algumas causas do fenômeno, o que é uma contribuição para sua interpretação da cidade (SILVA, 2014, p. 70).

Grafitar, segundo Celso Gitahy (1999, p. 12-13), é “riscar, documentar, de forma consciente ou não, fatos e situações ao longo do tempo. Diz respeito a uma necessidade humana como dançar, falar, dormir, comer etc.”. Trata-se de uma produção que compõe o quadro artístico e dinâmico de uma cidade, sendo também uma prática democrática e descentralizadora, que está em constante diálogo com as pessoas nas ruas, em que o objetivo é atuar como a materialização de um discurso político, de resistência, de engajamento, de crítica e de manifestação das problemáticas de uma sociedade. Desse modo, o grafite evidencia, segundo Silva (2014, p. 73), “marcas de sentido que vão recriando o imaginário coletivo. Independentemente de sua origem – espontânea, artística, militante”.

Posto isso, existem muitas discussões acerca do grafite e da forma como ele começou a ser praticado. Os estudiosos das artes, principalmente, veem as pinturas rupestres como os primeiros exemplos desse tipo de prática, cujo propósito era, segundo Gitahy (1999), representar animais, caçadores e símbolos. Thiago Moreira Correa (2016), por sua vez, propõe um momento diferente para o início desse tipo de texto, uma vez que, para ele, fazer inscrições em cavernas e fazer inscrições em muros, como atualmente, são práticas com sentidos diferentes.

Sendo assim, o grafite teve origem no século XX, mais especificamente a partir de 1960, em Paris e em Nova York. No primeiro caso, foi em maio de 1968, quando, em Paris, durante os protestos, os estudantes criaram um meio de expressão único para a época: inscrever versos e frases de protesto, assim como palavras de liberdade, nos muros da cidade, por exemplo, “*Il est interdit d’interdire*” – É proibido proibir –, “*L’imagination prend le pouvoir*” – A imaginação toma o poder –, dentre outras. Nesse tipo de prática, é possível notar uma relevância maior com relação ao plano do conteúdo, ao contrário das produções nova-iorquinas, que destacam mais o plano da expressão. Estas últimas produções, portanto, aconteciam de maneira distinta, em que se tratavam, sobretudo, da repetição de assinaturas, com uma determinada estética, feitas nos metrô da cidade de Nova York, prática que ocorria na ilegalidade e que, aos poucos, desaparecia.

Sobre as terminologias, nesta pesquisa é utilizado o vocábulo “grafite” para se referir, de maneira geral, a todas as manifestações de inscrições e pinturas em muros, edifícios e outros suportes, para que seja possível evidenciar a diferença entre elas. Sendo assim, as definições das diferentes práticas do grafite consideradas neste projeto são: a pichação, inicialmente produzida em Paris, por meio de frases de protestos que surgem para tirar a população do conforto; a *tag*, produção nova-iorquina constituída de assinaturas realizadas com o apelido do grafiteiro, seguido de um número, que geralmente se referia ao bairro de onde veio, e na cor preta. No Brasil, a *tag* é praticada de uma forma que existe apenas neste país e surge como assinaturas de protestos, feitas apenas de um pixador para outro, sendo conhecida como pixação (*sic*).

Além dessas duas manifestações, há: o *throw-up*, que se assemelha à *tag* na escrita, mas com uma estética mais elaborada, utilizando duas cores, uma para o contorno da letra, agora arredondada, e outra para o interior; a arte de rua, que são desenhos feitos em muros como forma de protesto ou decoração; o *grapixo*, a união entre grafite e pixação, que seria uma pichação mais colorida e mais elaborada, com arabescos e rostos de pessoas; o *lambe-lambe*, prática que se difere um pouco das anteriores no que se refere ao procedimento, já que que é feito ou colando cartazes por toda a cidade, sendo eles com desenhos e/ou frases, ou ainda utilizando *spray* ou tintas, juntamente de um estêncil. Trata-se também de um texto que busca promover um tipo de protesto, e é colocado em espaços públicos e urbanos; e, por último, grafite projetado/grafite digital/grafite virtual, em que toda a prática de inscrição agora é feita em projeção digital, utilizando um computador e um aparelho de projeção. São colocados desenhos e/ou frases de maneira, principalmente, a engajar a população. Trata-se de

uma prática que aumentou muito com o advento da pandemia causada pelo vírus da COVID-19 e que, segundo Claudia Loch (2014, p. 13) é “qualquer intervenção urbana que se beneficie de projeção interativa sobre a arquitetura” e que não “desbota com o tempo por ação da chuva e do sol” (Loch, p. 70). Para a autora, esse tipo de texto propõe a “ressignificação da cidade, sem agressão, para valorizar seus espaços, através da comunicação inovadora” (Loch, p. 89).

Nota-se, portanto, que essas variações se relacionam diretamente pela intensa incorporação do uso do espaço e constroem uma significação de acordo com o momento e o lugar em que são produzidas e expostas. Além disso, possuem também uma relação direta com os valores sociais da época em que são feitas, de maneira a nutrir a produção de identidade na cultura, pensando em como esses textos são construídos, transmitidos e reproduzidos culturalmente. Ademais, a significação de um grafite, sendo esse um objeto inserido no meio social, contempla, ainda, a forma como manipula a mídia para divulgação, buscando o engajamento da população, muitas vezes, de maneira poética ou como forma de protesto.

O grafite, enquanto objeto inserido no meio social, instiga muitas críticas por diversas partes da sociedade, seja por parte da população que passa por essas produções, pela mídia que aborda ou pela área acadêmica. Sendo assim, por ser uma prática feita em larga escala, que desperta o interesse da sociedade, se faz necessário entender esse tipo de manifestação humana que aparece constantemente no cotidiano urbano e sociocultural de diversas comunidades, além de ser intensamente tratado nas mídias de maneira não só positiva como também negativa.

Do ponto de vista acadêmico-científico, o grafite pode ser analisado por diversas disciplinas, considerando aspectos como as diferentes críticas que recebe de parte da sociedade, a forma como influencia a dinâmica do espaço e a forma como o desenho pode ser recebido e transmitido.

Diante disso surge o seguinte problema de pesquisa: O grafite é um texto contemplado pelas análises das ciências da linguagem? Se sim, diante de quais categorias teórico-metodológicas esses estudos são realizados? Além disso, quais os subsídios da semiótica para abordar e pesquisar esse tipo de texto? Ademais, torna-se importante pensar também sobre quando o grafite começou a ser contemplado nos estudos linguísticos brasileiros e se houve modificações nas reflexões dos dias atuais. Essas mudanças referem-se ao aumento ou diminuição de pesquisas que consideram o grafite como objeto de estudo,

assim como se houve alteração na metodologia e nos elementos teóricos aplicados às análises e, ainda, quais eram os aspectos mais analisados, sendo os textuais ou os discursivos.

Diante das indagações que surgem como premissa para esta pesquisa, e durante as primeiras buscas de trabalhos a serem contemplados pelo presente estudo, levantou-se a hipótese de que existem muitas pesquisas que apresentam o grafite como objeto de estudo de diversos campos acadêmicos. No entanto, dentro das áreas da ciência da linguagem, sobretudo na semiótica discursiva, observa-se que o grafite não é tão investigado, de modo que surge a necessidade de verificar como essas análises são feitas pelas áreas de estudo da linguagem.

Refletir sobre a maneira como o grafite foi contemplado dentro da linguística, da análise do discurso e da semiótica é compreender o modo de produção e circulação das teorias em uma determinada época. Sendo assim, essa prática se torna importante no desenvolvimento do trabalho, pois permite verificar de que forma a semiótica elaborou suas análises em torno desse tipo de objeto, entendendo-se, assim, os desenvolvimentos, as limitações e mudanças da própria ciência, de maneira a colaborar com uma construção de uma historiografia da semiótica.

Em vista disso, esta pesquisa propõe sistematizar e analisar textos oriundos de diferentes abordagens sobre o grafite verbovisual dentro das ciências da linguagem, sendo elas: i) a abordagem linguística, que trata o grafite como código linguístico dentro de uma linguagem pictórica, em que a palavra cede lugar à imagem; ii) a semiótica, que compreende o grafite como uma linguagem sincrética, de predominância semissimbólica, inscrita na forma de texto-enunciado em um objeto-suporte e decorrendo de diversas práticas; e iii) a abordagem da análise do discurso, que vai pensar o grafite da perspectiva da filosofia da linguagem. Assim, como forma de sistematizar de maneira mais didática, as pesquisas encontradas foram divididas, no momento da análise, entre as que se referem às teorias do texto e às teorias do discurso, pois assim se torna possível estabelecer uma relação entre esses estudos.

Desse modo, o objetivo central desta pesquisa é compreender quais são as categorias de análise empregadas nos estudos já realizados sobre o grafite, para que, assim, seja possível estabelecer a base do estudo dessa manifestação cultural na perspectiva semiótica. Dessa forma, vê-se que essa reflexão tem como primeiro objetivo específico recensear estudos que possuem o grafite como objeto de estudo dentro das áreas das ciências da linguagem.

O segundo objetivo específico dessa pesquisa complementa o primeiro, em que, a partir do recenseamento, devem ser observados quais aspectos do grafite, enquanto prática

lingueira, são contemplados nesses trabalhos, para que seja possível analisar, do ponto de vista linguístico e semiótico, o valor da repetição do grafite, a sua concepção como obra de intervenção efêmera, assim como o seu desenvolvimento, as suas mudanças de técnicas e materiais, as suas derivações e categorias ao longo do tempo, e, ainda, o modo como todas as análises são construídas em torno desse objeto.

Com o propósito de atender o segundo objetivo desta pesquisa, foi realizada uma sistematização das pesquisas encontradas no recenseamento e que serão analisadas, de modo a identificar categorias como: nome do trabalho, ano de publicação, autores e autoras, a base de dados que foi encontrada, e ainda qual a sua modalidade – artigo, monografia, dissertação ou tese – informações estas estruturadas em quadros divididos entre trabalhos que abordam teorias do texto e teorias do discurso. Além disso, são abordadas questões como quais são os pesquisadores, teorias e metodologias são empregadas nas análises tratadas neste estudo.

Para o desenvolvimento da presente pesquisa foi adotada então uma metodologia que seguisse os princípios da historiografia linguística (Altman, 1998; Batista, 2013; Koerner, 1996; Portela, 2018; Swiggers, 2013), de maneira a analisar os estudos que abordam o grafite enquanto linguagem, uma vez que tal conhecimento pode contribuir para o desenvolvimento de análises que focalizam a sua construção de sentido, de modo a refletir sobre os processos que geram a significação nesse tipo de texto. Isso também nos ajuda a compreender o modo como a linguística, de modo geral, se relaciona com objetos da cultura urbana.

Para reunir o *cópus* deste estudo, ou seja, as pesquisas que analisam o grafite, foram listadas todas as universidades estaduais e federais brasileiras, assim como as revistas das áreas das ciências da linguagem – classificadas em Qualis A1, A2, B1 e B2 – de forma que fosse possível acessar as bases de dados dessas instituições e os periódicos a fim de verificar quais eram os trabalhos que versavam sobre o grafite para incorporar à reflexão proposta por este estudo. Foram selecionadas, portanto, 59 universidades federais, 38 universidades estaduais e 53 revistas inseridas nas áreas das ciências da linguagem.

Sendo assim, a reflexão construída por este estudo propõe que diversas plataformas sejam contempladas para poder traçar o percurso dos estudos acerca do grafite no Brasil, refletindo sobre a forma como foi abordado nas áreas das ciências da linguagem, sobretudo na semiótica. Ademais, é importante pontuar que as análises e os comentários presentes na descrição e análises dos artigos, monografias, dissertações e teses selecionadas se apoiam nos estudos da semiótica discursiva, de modo que o ponto de vista crítico se dará por meio dessa ciência.

Diante disso, esta dissertação está organizada em três capítulos, separados em subseções. São eles: A respeito da metodologia e do texto; O grafite como código linguístico nas produções científicas; O grafite do ponto de vista semiótico.

O capítulo um, “A respeito da metodologia e do texto”, é o espaço reservado para explicar todo o percurso metodológico da pesquisa, visando não somente à organização metodológica como também ao arcabouço da tradição desse tipo de prática – de maneira a dispor, portanto, dos princípios da historiografia para que as etapas do processo de desenvolvimento da dissertação pudessem ser definidas.

Além disso, aborda também o tipo de texto que está sendo posto em discussão neste estudo, uma vez que é preciso defini-lo para que os trabalhos analisados possam ser discutidos mais profundamente. Sendo assim, é definido o que é grafite, quais são suas variações e como essas mudanças foram surgindo ao longo do tempo.

O capítulo dois, “O grafite como código linguístico nas produções científicas”, refere-se às pesquisas contempladas pela reflexão desta dissertação, visando tratar de que forma esses trabalhos abordam os estudos teórico-metodológicos das áreas das ciências da linguagem, tendo em vista artigos, monografias, dissertações e teses.

O capítulo três, por sua vez, chamado “O grafite do ponto de vista semiótico”, visa apresentar o modo como o grafite, e todas as suas variações de prática, podem ser estudados pela área da semiótica.

Por fim, tem-se como parte final da dissertação as “Considerações Finais”, espaço destinado aos resultados da reflexão proposta nesta pesquisa, de modo a evidenciar as conclusões do percurso que foi realizado.

2. A RESPEITO DA METODOLOGIA E DO TEXTO

A metodologia desta pesquisa tem um caráter qualitativo, uma vez que o ponto central da presente reflexão não se trata de pensar em quantos trabalhos serão analisados e sim a forma como eles se desenvolveram. De acordo com Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira (2009, p. 32, grifo dos autores), esse tipo de pesquisa visa as seguintes ações: “**descrever, compreender, explicar**”, características que se assemelham muito ao método historiográfico, que também propõe descrever, refletir e analisar determinados conhecimentos.

Para que fosse possível atender ao objetivo que fundamenta a presente pesquisa – compreender a forma como as áreas das ciências da linguagem, sobretudo a semiótica, estudam e analisam grafites – este estudo foi dividido em quatro momentos. Primeiramente foi realizada a apresentação da metodologia da pesquisa e da seleção do corpus, para que depois fosse feito um levantamento do conjunto de pesquisas desenvolvidas, cujo objeto de estudo se tratasse do grafite visto como uma forma de linguagem e tendo sua organização em forma de texto.

O terceiro momento da presente pesquisa é tido como consequência do segundo, em que, logo após o levantamento das pesquisas, foi possível sistematizá-las e descrevê-las, de modo a apresentar os conceitos, os termos e os aspectos metodológicos utilizados pelas áreas das ciências da linguagem para uma análise do grafite. Como quarto, e último, momento da pesquisa, tem-se a construção de uma historiografia semiótica dos estudos do grafite, preocupando-se, principalmente, com as características imanentes dos estudos contemplados. É importante ressaltar ainda que essa pesquisa assume o ponto de vista da semiótica discursiva, fundada por Algirdas Julien Greimas (1917-1992).

2.1 Princípios da Pesquisa Historiográfica

Para o desenvolvimento desta pesquisa, é importante conhecer, do ponto de vista da historiografia linguística, da análise do discurso e da semiótica, os estudos que abordam o grafite enquanto linguagem. Sendo essas as áreas que compõem as ciências da linguagem.

Pensar em realizar um estudo historiográfico é observar, segundo Maria Cristina Fernandes Salles Altman (2009, p.128), “as maneiras pelas quais o conhecimento linguístico se produziu, desenvolveu, foi divulgado e percebido”, além disso, trata-se de uma disciplina que, segundo a autora, tem como objetivo fundamental “descrever e explicar como se produziu e desenvolveu o conhecimento linguístico em um determinado contexto social e cultural, através do tempo” (Altman, 2009, p. 128). Sendo esse, justamente, o caminho pelo

qual essa pesquisa se desenvolveu, uma vez que se busca verificar nos discursos científicos a forma como o conhecimento acerca do grafite é realizado, elaborado e desenvolvido em relação aos conceitos e teorias das ciências da linguagem, principalmente do ponto de vista semiótico.

Segundo Jean Cristtus Portela (2018, p. 140), quando

[...] trabalhamos em um campo como o da semiótica, não estamos equivocados em pensar que somos todos, de algum modo, historiógrafos, devido à nossa necessidade de triar nossas fontes, organizar e explicitar as definições que balizam nosso pensamento e, sobretudo, de nos posicionar em relação à tradição.

O pesquisador historiógrafo, de acordo com Ronaldo de Oliveira Batista (2013, p. 48), precisa ser dotado de “uma dupla habilidade, a linguística e a histórica, ao lado do conhecimento da filosofia e história das ciências”. Dessa forma, uma questão importante a ser evidenciada é a diferença entre os conceitos de **história** e de **historiografia**.

Pensar na história da linguística, por exemplo, é tratar de um conjunto de situações e conhecimentos ao longo do tempo, independentemente do trabalho dos historiadores. A historiografia linguística, por sua vez, segundo Batista (2013, p. 51), trata-se da “busca por um olhar interpretativo que procura entender as razões de determinado trabalho apresentar as características que o definem”. Sendo assim, fazer historiografia é refletir sobre a história.

Uma pesquisa historiográfica se dá, segundo o autor, pela observação de três dimensões: teórica, temporal e social. Sendo que a dimensão teórica visa “descrever, analisar e interpretar percursos argumentativos e práticas metodológicas” (Batista, 2013, p. 71). A dimensão temporal pensa nas continuidades e descontinuidades nas reflexões de determinados focos de análise. Enquanto a dimensão social se preocupa com “recuperar elementos sociais, históricos e culturais que podem estar envolvidos nas formas de tratamento de línguas e linguagem.” (Batista, 2013, p. 73).

Essa abordagem está muito presente ao longo desta pesquisa, uma vez que é justamente nesse sentido que as reflexões foram construídas, em que foi realizado um levantamento das pesquisas que abordam o grafite como objeto de estudo, verificando, assim, quais foram as categorias e os métodos utilizados para analisar esse tipo de texto, além de recuperar diversos elementos que influenciam no processo de construção de sentido tanto do objeto em si quanto das interpretações e reflexões que são produzidas.

De acordo com Pierre Swiggers (2013, p. 42), “os textos que o historiógrafo (ou o historiador) da linguística deve estudar podem ser considerados o ‘reflexo (ou depósito)

material' da história da linguística". Para o autor, a historiografia trata-se de uma prática descritiva e interpretativa.

No que se refere aos princípios da pesquisa historiográfica, é importante pensar também sobre os desafios de se utilizar essa abordagem, uma vez que, segundo Konrad Koerner (1996, p. 14), existem muitos problemas metodológicos e epistemológicos no processo historiográfico, dentre eles estão os procedimentos de pesquisa. Tais procedimentos precisam ser detalhados pelo sujeito que está produzindo um estudo, isto é, por mais que sejam utilizados os pressupostos da historiografia, cada estudo tem os seus procedimentos individuais para que a reflexão possa ser realizada.

Diante de todos esses conhecimentos acerca da metodologia da historiografia que foram apontados, torna-se importante evidenciar como essa prática está presente na reflexão que esta pesquisa propõe. Nesse sentido, observa-se que, ao longo do trabalho, é realizado um levantamento de pesquisas que são descritas no capítulo dois para que possa ser possível entender a forma como a semiótica discursiva analisou e refletiu sobre o grafite ao longo do tempo.

A partir disso, vê-se que a historiografia se concentra nas reflexões trazidas, sobretudo, no capítulo dois, em que são analisadas as formas como análises acerca do grafite foram elaboradas dentro da semiótica discursiva. Além disso, observa-se também quais as implicações dessas pesquisas, de maneira a contemplar o aspecto historiográfico que Altman (2009) aborda, que se preocupa em apresentar e analisar como os conhecimentos sobre o grafite foram produzidos ao longo do tempo, divulgados e percebidos.

Para que este estudo possa ser realizado, são utilizados os princípios de Koerner (1996), sobretudo o de imanência. O pesquisador traz os princípios de contextualização, imanência e adequação teórica, em que o primeiro evidencia o contexto histórico-cultural, de maneira a tratar sobre as influências que o documento recebe. Nesse sentido, nesta pesquisa esse aspecto será considerado de modo a compreender os modos como esses estudos são realizados no país, uma vez que se trata de uma forma de atingir aspectos sociais, políticos, históricos, econômicos etc.

O princípio de imanência, mais contemplado neste estudo, trata-se de fazer um levantamento de informações e de conhecimentos na construção geral do documento que está sendo analisado, de modo a compreender o documento, muitas vezes com o apoio da contextualização. Nesse sentido, serão analisados os aspectos trazidos pelas reflexões construídas nas pesquisas trazidas nesta dissertação.

O princípio de adequação teórica considera uma prática de reatualização do documento por parte do historiógrafo, de modo que ele possa ser relacionado com os conhecimentos atuais, em que reflexões finalizadas no passado possam ser vistas na perspectiva das teorias mais contemporâneas. Esse aspecto da historiografia não será contemplado por esta dissertação, uma vez que se busca realizar muito mais uma apresentação e descrição do modo como o conhecimento foi desenvolvido ao longo dos anos acerca das análises do grafite.

Diante disso, esta pesquisa se desenvolve de modo a construir e levantar um *cópus* – pesquisas nas áreas das ciências da linguagem nas bases de dados das universidades públicas brasileiras, assim como as principais revistas de divulgação científica – para que ele possa ser visto de um ponto de vista historiográfico.

2.2 Definição e seleção do *cópus* da pesquisa

O estudo evidenciado por esta pesquisa não se trata de analisar o grafite *stricto sensu*, mas de promover uma reflexão acerca de como esse tipo de texto é analisado por outras pesquisas, de forma a evidenciar quais são as categorias teórico-metodológicas empregadas nesses trabalhos.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa, além de historiográfica, de caráter predominantemente exploratório, tendo em vista o que Gerhardt e Silveira (2009, p. 35) afirmam, isto é, que uma pesquisa com essa característica “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. É este o propósito da reflexão aqui abordada, cuja finalidade é demonstrar como o grafite é contemplado pelo discurso científico e verificar como a semiótica o analisa.

Para que esta reflexão pudesse ser realizada, foram necessários cinco passos para o desenvolvimento da pesquisa. Sendo eles:

- 1) Listar todas as universidades públicas brasileiras – federais e estaduais – a fim de realizar a busca pelas pesquisas nestes repositórios;
- 2) Separar quais os periódicos a serem utilizados para buscar trabalhos nas plataformas;
- 3) Sistematizar as pesquisas encontradas nas bases de dados selecionadas em quadros com determinadas categorias, sendo elas: nome do trabalho, ano de

publicação, autores e autoras, a base de dados que foi encontrada, e ainda qual a sua modalidade – artigo, monografia, dissertação ou tese –;

- 4) Descrever os processos teórico-metodológicos de análises das pesquisas selecionadas tanto nas bases de dados das universidades quanto das revistas acadêmicas;
- 5) Depreender quais são os aparatos teórico-metodológicos que a semiótica dispõe para analisar grafites.

O primeiro passo desta pesquisa exigia listar as universidades públicas brasileiras, de forma que fosse possível verificar suas bases de dados e encontrar as pesquisas que pudessem ser abordadas neste estudo. Para isso, foi utilizada a sistematização feita pelo Projeto Sol da UFMG, em que são encontradas todas as universidades federais e estaduais divididas por região.

Para cumprir o segundo passo, foram utilizados os periódicos escolhidos a partir de uma lista com todas as revistas das áreas de Letras e Linguística disponibilizada pelo *blog* do “Cataphora” – Núcleo de Pesquisa em texto, gênero e discurso de Teresina (Piauí). No entanto, foram selecionadas apenas as revistas com Qualis A1, A2, B1 e B2. Segundo a CAPES, A1 e A2 têm excelência internacional e B1 e B2, nacional.

O Quadro 1 apresenta uma lista com todas as universidades federais, nas quais foram realizadas buscas de trabalhos que analisam o grafite para compor a reflexão aqui proposta. Os nomes das universidades que estão com a cor lilás são as instituições que possuem pesquisas que versam sobre essa temática dentro das áreas das ciências da linguagem. Foram selecionados trabalhos não só das áreas das ciências da linguagem, uma vez que outras abordagens também podem produzir discussões que remetem a aspectos linguísticos e de linguagem.

Quadro 1 – Universidades Federais brasileiras.

CENTRO-OESTE
Universidade de Brasília
Universidade Federal da Grande Dourados
Universidade Federal de Goiás
Universidade Federal de Mato Grosso
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
NORDESTE
Universidade Federal da Bahia

Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Universidade Federal da Paraíba
Universidade Federal de Alagoas
Universidade Federal de Campina Grande
Universidade Federal de Pernambuco
Universidade Federal de Sergipe
Universidade Federal do Ceará
Universidade Federal do Maranhão
Universidade Federal do Piauí
Universidade Federal do Recôncavo Baiano
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Universidade Federal do Vale do São Francisco
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Universidade Federal Rural do Semi-Árido
NORTE
Universidade Federal de Rondônia
Universidade Federal de Roraima
Universidade Federal do Acre
Universidade Federal do Amapá
Universidade Federal do Amazonas
Universidade Federal do Oeste do Pará
Universidade Federal do Pará
Universidade Federal do Tocantins
Universidade Federal Rural da Amazônia
SUDESTE
Universidade Federal de Alfenas
Universidade Federal de Itajubá
Universidade Federal de Juiz de Fora
Universidade Federal de Lavras
Universidade Federal de Minas Gerais
Universidade Federal de Ouro Preto
Universidade Federal de São Carlos
Universidade Federal de São João del-Rei
Universidade Federal de São Paulo
Universidade Federal de Uberlândia
Universidade Federal de Viçosa
Universidade Federal do ABC – somente com uso de VPN
Universidade Federal do Espírito Santo

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Universidade Federal Fluminense
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
SUL
Universidade Federal da Fronteira do Sul
Universidade Federal da Integração Latino-Americana
Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre
Universidade Federal de Pelotas
Universidade Federal de Santa Catarina
Universidade Federal de Santa Maria
Universidade Federal do Pampa
Universidade Federal do Paraná
Universidade Federal do Rio Grande
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Fonte: Projeto Sol. Acesso em 20 jun. 2021.

Assim como no quadro de representação das universidades federais brasileiras, o Quadro 2 sistematiza as universidades estaduais brasileiras, em que a cor lilás representa as instituições que possuem pesquisas que tratam do grafite dentro das áreas das ciências da linguagem, enquanto as que estão em branco são aquelas que não possuem pesquisas a serem contempladas pela presente dissertação.

Além disso, deve-se ressaltar também que as universidades destacadas em verde são aquelas que: não tiveram seus repositórios encontrados; estão em reforma ou em construção; o site foi encontrado, mas está indisponível; o repositório ainda se encontra apenas presencial; a plataforma é reservada somente para estudantes e professores. Sendo assim, não foi possível analisar os trabalhos realizados nessas instituições.

Quadro 2 – Universidades Estaduais brasileiras

CENTRO-OESTE
Universidade do Estado de Mato Grosso
Universidade Estadual de Goiás
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
NORDESTE

Universidade de Pernambuco
Universidade do Estado da Bahia - MARCO
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
Universidade Estadual da Paraíba
Universidade Estadual de Alagoas
Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas
Universidade Estadual de Feira de Santana
Universidade Estadual de Santa Cruz
Universidade Estadual do Ceará
Universidade Estadual do Maranhão
Universidade Estadual do Piauí
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Universidade Estadual Vale do Acaraú
Universidade Regional do Cariri
NORTE
Universidade do Estado do Amapá
Universidade do Estado do Amazonas
Universidade do Estado do Pará
Universidade do Tocantins
Universidade Estadual de Roraima
Universidade Estadual do Saber Tradicional da Amazônia
SUDESTE
Universidade de São Paulo
Universidade do Estado de Minas Gerais
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Universidade Estadual de Campinas
Universidade Estadual de Montes Claros
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
SUL
Universidade do Estado de Santa Catarina
Universidade Estadual de Londrina
Universidade Estadual de Maringá
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Universidade Estadual do Centro-Oeste
Universidade Estadual do Norte do Paraná
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Fonte: Projeto Sol. Acesso em 20 jun. 2021.

No que se refere aos periódicos selecionados para a presente reflexão, foram elencadas 53 revistas, dentre as áreas de linguística, análise do discurso e semiótica. Contudo, não foram encontrados muitos trabalhos nestes meios de divulgação científica, de maneira que a maior parte destas revistas não foram utilizadas neste estudo como uma plataforma que possui estudos que dissertam sobre o grafite, ainda que essa informação seja um dado muito importante para a reflexão aqui proposta. Fica evidente, portanto, que faltam pesquisas que discorram sobre o grafite enquanto código linguístico e linguageiro.

O Quadro 3 apresenta os nomes e o Qualis das revistas, nas quais foram pesquisadas as palavras-chave, de modo a conseguir encontrar produções e análises sobre o grafite. Nesse quadro, todos os nomes com a cor lilás são os repositórios em que foram encontradas pesquisas a serem utilizadas neste estudo.

Quadro 3 – Periódicos da área de Letras e Linguística.

PERIÓDICOS QUALIS A1
Revista ABRALIN (Curitiba)
Alfa: Revista de Linguística (UNESP. São José do Rio Preto. Online)
DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (Online)
Língua e Instrumentos Linguísticos
Revista Brasileira de Linguística Aplicada (Impresso)
Revista da ANPOLL (Online)
Revista de Estudos da Linguagem
Trabalhos em Linguística Aplicada (UNICAMP)
Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso. (PUC/SP)
Ilha do Desterro (UFSC)
Letras de Hoje (Online) (PUC/RS)
Linguagem em (Dis)curso (Online) (UNISUL)
PERIÓDICOS QUALIS A2
Calidoscópio (UNISINOS)
Discurso (Departamento de Filosofia da USP)
Letras (UFSC)
Linguagem & Ensino (UCPEL)
MOARA (UFPA)
Revista de Letras (UNESP)
Revista do GEL (GEL)
Revista do GELNE (GELNE)

Veredas (UFJF)
Diálogos (Maringá. Impresso)
PERIÓDICOS QUALIS B1
Caderno de Letras (UFF)
Conexão Letras
Estudos da Língua(gem) (Impresso e Online)
Estudos Semióticos
Fórum Linguístico (online e impresso)
Fragments
Intercâmbio (PUC- SP)
Intersecções
Investigações (online e impresso)
Letras & Letras
Língua Escrita
Línguas & Letras
Linguística (Rio de Janeiro)
Polifonia (UFMT)
Revista Signos
Diadorim (Rio de Janeiro)
CASA (Araraquara)
PERIÓDICOS QUALIS B2
Domínios de Língua@gem (Uberlândia - MG)
Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)
Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura
Leitura (UFAL)
Linha d'Água
Papia (Brasília)
Revista (Con)Textos Linguísticos (UFES)
Revista de Humanidades (UNIFOR)
Revista Virtual de Estudos da Linguagem
The Specialist (PUCSP)
Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores
Signo (UNISC. Online)
Hipertextus Revista Digital (UFPE)
Prolíngua (João Pessoa)

Fonte: Cataphora. Acesso em 20 jun. 2021.

O terceiro passo da metodologia empregada nesta pesquisa se evidencia no capítulo dois da dissertação, em que as pesquisas são colocadas em tabelas, separadas por subseções, divididas em duas categorias, sendo elas “Teorias do Texto” e “Teorias do Discurso”. Nesse momento, as informações que são contempladas são: o nome da pesquisa, o ano de publicação, os(as) autores(as) e a base de dados em que foi encontrada e qual tipo de pesquisa se trata – artigo, monografia, dissertação ou tese.

Para que estas pesquisas fossem encontradas, foram definidas palavras-chave para serem colocadas na barra de busca das bases de dados, sendo elas: “grafite” e suas diversas grafias – “grafite”, “graffiti” e “grafito” –, “pichação”, “pixo”, “arte de rua”, “tag”, “throw-up”, “grapixo” e “lambe-lambe”. Essas palavras foram selecionadas, pois são as que mais se destacam em questão de identificação das inscrições sobre os muros. No entanto, não são todos esses termos que fazem com que os resultados surjam a partir das buscas, já que “pixo”, “arte de rua”, “tag”, “throw-up”, “grapixo” e “lambe-lambe” raramente apresentam pesquisas nas bases de dados. Por outro lado, as palavras “grafite” e “graffiti” são as que mais apresentam trabalhos nos repositórios.

Além disso, para que fosse possível selecionar as pesquisas dentro das áreas das ciências da linguagem, alguns filtros eram selecionados no momento da busca, como evidenciado pela Figura 1. No entanto, algumas universidades não continham essa opção de busca mais detalhada, de modo que a coleta de trabalhos se deu sem a utilização de filtros.

Figura 1 – Print da busca detalhada no repositório da UFBA com a palavra-chave “grafite”.

Página de Busca

Buscar em:

por

Adicionar filtros:
Utilizar filtros para refinar o resultado de busca.

Resultados/Página | Ordenar registros por

- Linguística (4)
- Linguística, Letras e Artes (1)
- Linguística, letras e artes (1)
- Linguísticas, letras e artes (1)

Fonte: Base de dados da UFBA, 2022.

Ademais, muitas dificuldades foram encontradas nesse momento da pesquisa, uma vez que os repositórios das universidades estaduais são mais difíceis de serem encontrados do que

das federais. As buscas pelos repositórios, usualmente, foram feitas com o nome da universidade seguido da palavra “repositório”, como representado pela Figura 2.

Figura 2 – *Print* da busca no google pelo repositório da UFBA.



Fonte: Resultado de pesquisa no Google, 2022.

Assim como evidenciado pela Figura 2, todas as buscas pelos repositórios de instituições federais, sem exceção, foram fáceis de serem realizadas, pois eram sempre os primeiros resultados e englobavam as produções de todos os campus da universidade que estava sendo verificada. Por outro lado, as universidades estaduais não possuíam essa facilidade de procura.

Para que fosse realizada a pesquisa pelos repositórios das instituições estaduais, tentou-se adotar o mesmo método utilizado para as federais, no entanto, constatou-se um impedimento, uma vez que não se encontra facilmente como as outras universidades, em que o primeiro resultado era, na maior parte das vezes, direcionando para a universidade federal, como mostra a Figura 3, que ao buscar pelo repositório da UNEMAT encontrou-se o da UFMT.

Figura 3 – *Print* da busca no google pelo repositório da UNEMAT.



Fonte: Resultado de pesquisa no Google, 2022

Após o direcionamento para a base de dados da universidade federal, outros *sites* apareciam também demonstravam dificuldade para a busca das pesquisas, uma vez que os *sites* com as produções científicas das universidades apresentavam-se de maneiras distintas, como evidenciado pelas Figuras 4, 5 e 6.

Figura 4 – Print do *site* da UNEMAT: campus Carlos Alberto Reyes Maldonado.

Estudos Literários

Dissertações e Teses (Mapa da página | Voltar)

Banco de Dissertações e Teses

Escolha um ano no menu abaixo e visualize todas as dissertações defendidas pela respectiva turma.

▸ Dissertações defendidas em 2020
▸ Teses defendidas em 2020
▸ Dissertações defendidas em 2019
▸ Teses defendidas em 2019
▸ Dissertações defendidas em 2018
▸ Teses defendidas em 2018
▸ Dissertações defendidas em 2017
▸ Teses defendidas em 2017
▸ Dissertações defendidas em 2016
▸ Dissertações defendidas em 2015
▸ Dissertações defendidas em 2014
▸ Dissertações defendidas em 2013
▸ Dissertações defendidas em 2012



Fonte: Site da UNEMAT – campus Carlos Alberto Reyes Maldonado, 2022.

Os contratempos gerados por resultados como esse é que as pesquisas no *site* não contemplam a modalidade monografia e as pesquisas são disponibilizadas em plataformas que contemplam cada campus individualmente e não a instituição estadual como um todo, como acontece com as instituições federais. Além disso, são produções de programas de pós-graduação individuais, em que a data de trabalhos mais antigos é 2012 e a mais atualizada é 2020, ou seja, muitos trabalhos estão sendo desconsiderados em razão da desatualização da plataforma. Assim como outros resultados que aparecem como demonstra a Figura 5:

Figura 5 – Print do site da UNEMAT: campus Jani Vanini – Cáceres.

Dúvidas ou sugestões, envie-nos um e-mail :
repositório.cac@unemat.br

No link abaixo você pode conferir os trabalhos que estão na base de dados no Google Drive.

[Clique aqui e acesse o link](#)

Cáceres-MT 01 de outubro de 2021.

Fonte: Site da UNEMAT: campus Jani Vanini - Cáceres, 2022.

Nesse caso, também é possível notar a defasagem da atualização e registro das pesquisas, uma vez que se observa que essa instituição não possui nem mesmo um lugar do *site* ou uma plataforma destinada aos trabalhos, em que estes são colocados em um *drive* do *Google*. Sendo assim, não existe uma forma funcional de procurar pelos trabalhos como nas plataformas cuja forma de pesquisa pode ser feita com o uso de palavras-chave.

Outra dificuldade que se apresentou no momento das buscas, como apresentado na Figura 6, encontra-se no fato de que algumas das universidades ainda não possuem as pesquisas realizadas:

Figura 6 – Print da área do Repositório Institucional no site da UEMG.



Fonte: Site da UEMG, 2022.

Nesse sentido, constata-se uma defasagem nessa etapa do desenvolvimento da dissertação, uma vez que não se tem acesso às pesquisas que foram realizadas antes do momento em que os trabalhos começaram a ser digitalizados. Além disso, muitas universidades ainda não possuem uma base de dados para sistematizar os estudos realizados em seus cursos e programas ou, ainda, não têm uma atualização regular dessas plataformas. Sendo assim, não é possível estabelecer uma data específica para início dos trabalhos que foram selecionados para a presente reflexão, uma vez este estudo se dá mediante aos trabalhos que se encontram digitalizados nas plataformas das universidades públicas e federais, de modo que diversas pesquisas que não se encontram nas plataformas digitais não puderam ser contempladas por este estudo. Além disso, uma outra adversidade dessa dissertação é que não foram contempladas faculdades particulares, de forma que diversos estudos não entraram na presente reflexão.

A quarta etapa da pesquisa é uma continuação do terceiro passo, em que são descritos os processos teórico-metodológicos das pesquisas selecionadas, considerando, nesse momento, um ponto de vista de análise da semiótica discursiva.

Como último estágio da dissertação, tem-se uma análise sobre o modo como o grafite foi analisado diante das pesquisas, apontando, assim, quais conceitos, estudos, teorias e metodologias da semiótica são empregados nas reflexões e de que forma essa ciência compreende e analisa esse tipo de texto. Reflexão esta evidenciada pelo capítulo três.

Dessa maneira, a pesquisa adota uma metodologia historiográfica, que recorre aos trabalhos já realizados para interpretar a forma como o grafite foi e é analisado, assim como compreender as razões para as reflexões serem construídas do modo que foram feitas.

2.3 História do grafite e as variações da prática

O grafite, segundo Gitahy (1999), é uma prática que “interfere no espaço, subverte valores, é espontânea, gratuita e efêmera” (p. 19), além disso “discute e denuncia valores sociais, políticos e econômicos com muito humor e ironia” (p. 18).

Ao se estudar o grafite, uma problemática muito presente é a questão terminológica, uma vez que as denominações não seguem um padrão, de maneira que uma prática pode ser chamada por diferentes nomes ou escritos de formas diversas. Por vezes, o termo “grafite” aparece como “graffiti”, o termo “pichação” aparece como “pixação”, “lambe-lambe” como cartaz etc. Sendo assim, nesta seção serão definidas e nomeadas as variações da prática de inscrições sobre os muros.

Para que essas delimitações possam ser feitas, será aqui exposta a história e as modificações ao longo do tempo desses registros urbanos. Ainda sobre as mudanças do tipo de prática, uma questão importante de ser abordada é que não se pode colocar as transformações no plano da expressão como um desenvolvimento ou aperfeiçoamento, uma vez que são questão de estilo e construção de significação, ou seja, todas as práticas foram, são e serão feitas em qualquer momento. Uma realização não exclui a outra.

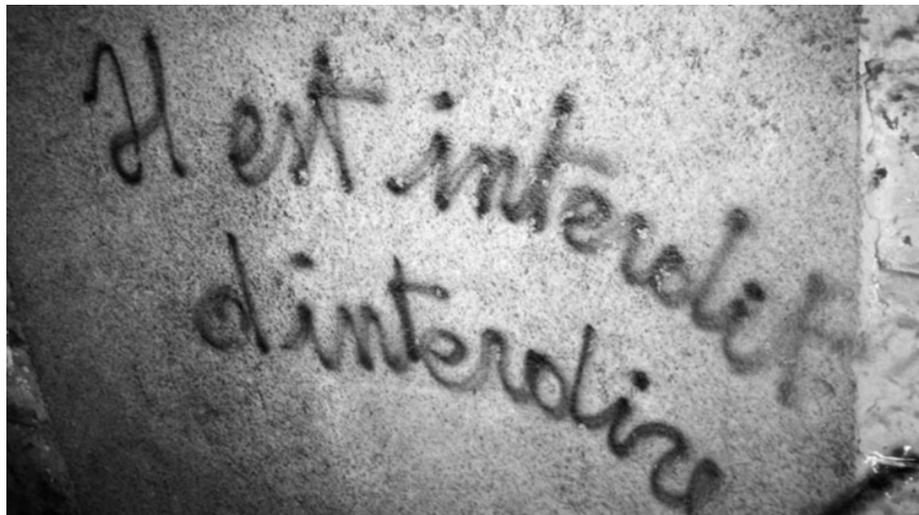
Celso Gitahy (1999) afirma que a origem da prática do grafite se encontra na atividade das pinturas rupestres que eram feitas para representar diversas questões da realidade material dos homens da caverna. Nesta época, muitos materiais naturais eram utilizados para que essas inscrições pudessem ser feitas, como, por exemplo, “sucos de plantas, ossos fossilizados ou calcinados, misturados com água e gordura de animais” (p. 12).

Além disso, uma outra prática que Gitahy (1999, p. 20) faz referência, no que se refere às inscrições, são os “xingamentos, cartazes eleitorais, anúncios, poesias” nas paredes da cidade de Pompeia. Assim como na época da Idade Média, em que, na Inquisição, bruxas eram perseguidas e mortas e os padres que as castigavam pichavam os conventos dos grupos que os contrariavam.

De acordo com o autor, depois da Segunda Guerra Mundial, muitos produtos começaram a ser produzidos com o uso de aerossol, dentre eles o *spray*, de maneira que permitiu mais liberdade de movimentação e rapidez. Este foi o material mais utilizado no

protesto dos estudantes de Paris, em maio de 1968, de forma que “as mesmas reivindicações que eram gritadas nas ruas fossem rapidamente registradas nos muros da cidade” (GITAHY, 1999, p. 21), como, por exemplo, a representada pela Figura 7¹.

Figura 7 – Pichação do movimento estudantil de maio de 1968 em Paris.



Fonte: CNEWS, 2018

Além do *spray*, outro material utilizado nas práticas de inscrições foi o pincel atômico, patenteado em 1910. Esses dois instrumentos, por serem leves e pequenos, proporcionavam uma prática de mais liberdade e rapidez. O pincel era um utensílio utilizado, sobretudo, nas *tags*, que se originou como assinaturas registradas nos metrô da cidade de Nova York, como demonstra a Figura 8. Era uma atividade que, segundo Correa (2016, p. 27, grifo do autor), “representava uma demarcação espacial para uma dominação simbólica de uma pessoa ou de um grupo [...] Quanto maior a disseminação da assinatura, mais fama o **inscritor** ou o grupo conseguiria”.

¹ “Il est interdit d’interdire” tem como tradução “É proibido proibir”, frase que marcou o movimento dos estudantes de 1968.

Figura 8 – *Tags* no metrô de Nova York.

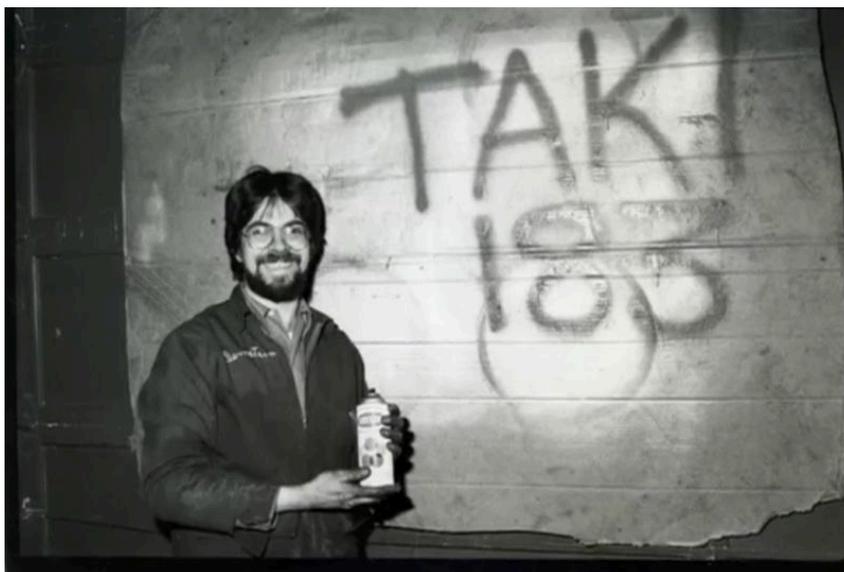


Fonte: Foto de Martha Cooper em Portfólio do Fábio, 2020.

A prática novaiorquina, assim como a parisiense evidenciam um interesse por reconhecimento, de forma que outros suportes começaram a ser explorados. O que antes era feito nos metrô migrou para os muros, e cada vez mais suportes eram dominados pelo grafite, fazendo com que leis contrárias ao grafite ficassem ainda mais rígidas. A Figura 9 representa essa mudança de suporte, uma vez que “Taki 183” foi uma das primeiras *tags* a aparecer nos metrôs de Nova York e que mudou para os muros da cidade. Essa figura apresenta nitidamente como essa prática era feita, em que havia o nome/apelido do **inscritor**² mais uma identificação do lugar em que ele morava. Sendo assim, “Taki 183” faz referência ao jovem Demetrius, que tinha apelido de Demetraki, ou apenas Taki, que vivia na cidade de Washington, na rua 183.

² Expressão utilizada por Correa (2016), para denominar as pessoas que produzem as inscrições nos muros nas suas diversas variações. Termo adaptado do inglês *writers* (escritores), que se refere aos grafiteiros na cidade de Nova York.

Figura 9 – *Tag* de Demetrius (Demetraki).



Fonte: Urbanario, Javier Abarca, 2015.

Torna-se importante pensar, nesse momento, sobre a mudança de suporte, uma vez que o suporte em que o texto é inscrito também influencia na significação dessa prática, pois após essa migração para os muros, todo o espaço público e privado passou a ser alvo dessas inscrições. Sendo assim, observar os suportes de inscrição do grafite enfatiza que as ruas da cidade são os espaços predominantes dessas práticas, evidenciando, portanto, não somente marcação de territórios de gangues, disseminação de assinaturas para reconhecimento enquanto pessoa integrante da sociedade que foi marginalizada, como também ativismo político e representação de um discurso de resistência.

A *tag*, conforme Correa (2016, p. 27)

entrou em um processo de saturação, porque sua demasiada repetição e semelhança estética já não propiciava a autenticidade almejada por seus criadores. Por causa dessa insatisfação, surgia o *throw-up* constituído de letras arredondadas e duas cores — uma cor fazia o fundo e a outra o contorno das letras.

Com essa variação da prática do grafite, o *throw-up*, ficou visível que passou a haver uma preocupação estética maior com os procedimentos de produção das inscrições, como demonstra a Figura 10, de maneira que o plano de expressão desse tipo de texto começou a ser cada vez mais trabalhado. Essa prática seguia a mesma premissa da *tag*, que também funcionava como uma assinatura e precisava ser o mais espalhada possível para gerar reconhecimento enquanto *inscritor*.

Figura 10 – *Throw-up* do artista CRATE.



Fonte: Endless Canvas, 2020.

Essa variação de inscrição é feita com duas cores, em que uma marca seu entorno e a outra o seu preenchimento, fazendo com que essa elaboração estética trouxesse de volta todo o prestígio e reconhecimento almejado pelos **inscritores**.

Ainda na perspectiva do crescimento da preocupação estética da prática de inscrever nos muros, surge a arte de rua, evidenciada pela Figura 11. A arte de rua, segundo Elisabete Gonçalves de Souza e Letícia de Souza Blanco (2020, p. 141):

é uma das expressões estéticas mais acessíveis à sociedade. Exposta nas ruas das grandes metrópoles, ela transmite mensagens sobre o que é vivido na sociedade, consolidando-se como um meio de comunicação em que a arte está a serviço da fruição, da informação e da denúncia.

As autoras ainda afirmam que esse tipo de prática surge como forma de resistência, de maneira a ir contra o que se tinha como padrão social e artístico, funcionando, então, como uma manifestação artística e política. É um dos tipos de prática mais bem vistos por parte da sociedade e o menos marginalizado, uma vez que funciona como uma forma de reconstrução do espaço e da paisagem, ou seja, ele atua como “objeto modificador do significado e da estética de uma paisagem urbana” (De Souza; Blanco, 2020, p. 146).

Além disso, foi a prática que, nos anos 1980, começou a levar a prática do grafite “que antes era exclusivamente das ruas, becos e guetos, para o convívio de galerias, museus e bienais” (Gitahy, 1999, p. 37). O artista mais conhecido nesse processo foi Keith Haring. Com

isso, passou a ser colocada em pauta a discussão da relação entre o que de fato era arte, cultura e poder.

Figura 11 – Arte de rua de Eduardo Kobra na cidade de São Paulo.



Fonte: foto de Bráulio Costa Couto, 2021.

Diferentemente das práticas que estavam sendo realizadas até o momento, surgiu uma outra inscrição, em que um dos principais fundamentos era a dificuldade de acesso ao suporte, mas que, assim como as outras práticas, também ocorrida na marginalidade, chamada pixo. Outro aspecto importante dessa variação era o alto número de repetições, da mesma forma que a *tag*, agindo também como assinaturas de pessoas marginalizadas dentro da sociedade (Correa, 2016, p. 46).

O pixo tornou-se uma prática representativa das grandes metrópoles brasileiras no início dos anos 1990, principalmente na cidade de São Paulo. Trata-se de uma prática feita com o uso do spray, de maneira que a rapidez e a praticidade são características inerentes a esse tipo de prática. Além disso, vale ressaltar que a estética da escrita é feita apenas de pixador para pixador (*sic*), ou seja, ela é realizada de modo que apenas os praticantes dessa inscrição entendam, uma vez que funciona como uma forma de comunicação entre eles, mesmo que também opere de modo a impactar a sociedade com o número de vezes que essa assinatura aparece e onde ela é manifestada.

Os principais pixadores responsáveis pelo crescimento dessa prática são conhecidos como Tchentcho, Xuim e #Di# – em que a assinatura deste último está representada na Figura 12. Trata-se de uma das mais famosas pixações realizadas pelo pixador (*sic*), uma vez que era um dos prédios mais disputados da cidade de São Paulo em razão da sua altura e alta segurança por ser uma propriedade privada importante da cidade. Em vista disso, #Di# é visto

Figura 13 – Prática do grafite dos artistas Galo, Doidera e Lipe.



Fonte: Pintamuros, 2012.

Como foi possível notar, as práticas do grafite foram se transformando ao longo do tempo, de forma que o seu suporte, suas ferramentas e seus propósitos se modificaram. Nesse sentido, há outros modos de produção do grafite que não se utiliza *spray*, pincel atômico e nem materiais como as variações de prática descritas até agora, tendo em vista, por exemplo, o lambe-lambe, que tem como antecessor o cartaz, mas que se diferencia dele em questão de funcionalidade, assim como o pôster.

Essas variações só foram possíveis por conta da prática de impressão tipográfica, que surgiu no século XV e era realizada sem a presença de cores e formas. Segundo Diogo Oliveira (2015, 7), essa produção “consiste em transferir a tinta para o papel por intermédio de um molde pré-definido”. Foi apenas em 1816, em Paris, que surgiu a primeira gráfica que possibilitava impressões coloridas. Essa tecnologia, por sua vez, realiza-se fazendo uso:

de uma pedra calcária, de uma placa de alumínio ou de zinco, consistindo na repulsão entre a água e a substância oleosa (tinta). Essa inovação possibilitou a impressão em quatro cores e com traços curvilíneos, permitindo a reprodução e a circulação massiva de imagens (Oliveira, 2015, p. 7).

Essa evolução de prática possibilitou que o lambe-lambe surgisse e se diferenciasse das outras práticas. De acordo com o autor (2015, p. 7):

O cartaz possui valor funcional e comercial e está relacionado à propagação de uma ideia, um produto ou serviço. O pôster tem valor estético, decorativo e em geral é colocado em espaços privados. O lambe-lambe, cujo nome surgiu no século XXI [...] está relacionado a um movimento com viés crítico e propõe uma ideia ou reflexão contrária a alguma conduta social ou desigualdade, ou simplesmente é resultado do trabalho de artistas e grupos

de artistas que ocupam o espaço público com o objetivo de espalhar suas criações.

O lambe-lambe representado pela Figura 14 trata-se de uma arte do projeto #frida feminista, criado em 2015 por Lela Brandão, em que ela coloca desenhos da Frida Kahlo, juntamente de frases que são dirigidas às mulheres. Ela afirma que “O objetivo da iniciativa é passar mensagens sobre autoestima e empoderamento às mulheres, com frases positivas, que vão contra a gordofobia e a padronização da beleza, por exemplo” (Brandão *apud* Piovesan, 2018).

A prática do lambe-lambe também segue a premissa de alto número de circulação nas áreas urbanas, de maneira a disseminar as mensagens produzidas pelas artes a serem coladas nas paredes. Diferentemente das outras práticas, é comum ver o mesmo lambe-lambe colado no mesmo espaço, muitas vezes imediatamente ao lado um do outro, uma vez que a urgência da mensagem vem não apenas pelo conteúdo exposto, como também da quantidade de vezes que ele é visto pela sociedade não somente em diferentes lugares, como as outras práticas.

Figura 14 – Lambe-Lambe feminista de Lela Brandão na cidade de São Paulo



Fonte: Júlia de Paula Piovesan, 2018

Assim como o lambe-lambe, existe outra prática que não faz uso dos mesmos materiais que as inscrições tradicionais de inscrições nos muros, sendo esta a projeção, que passou a ser muito mais reproduzida e ter destaque no período da pandemia a partir do ano de 2020. Nas projeções é possível observar que existe um outro tipo de actante, uma vez que não são mais as pessoas marginalizadas que estão realizando esta prática, já que é necessário um outro tipo de material para os procedimentos de produção – projetor de alta dimensão, morar ou estar em prédios em bairros conhecidos e muitas vezes de uma classe social mais elevada,

visto que são os lugares que alcançam mais visibilidade por parte da mídia e das pessoas das cidades grandes.

Além disso, é um tipo de inscrição que permite uma possibilidade de realização excessiva, devido à disponibilidade de ferramentas digitais que estão ao alcance desses praticantes. Sendo assim, é comum ver não só frases e desenhos – como são as práticas anteriores – como também *prints* de *tweets*, vídeos, fotos, dentre outros tipos de formas de expressão.

Figura 15 – *Print – post* do dia 14 de janeiro de 2021 – Perfil “@projetemos”.



Fonte: Projetemos. Instagram, 2021.

Vê-se, portanto, que os procedimentos de produção de cada prática se diferem de maneira a conduzir para a construção de significação de cada uma delas, de modo que se torna importante diferenciar as variações existentes de inscrições sobre os muros.

Além disso, é importante pensar nessas variações, uma vez que não são todas as práticas que são aceitas e legitimadas pela sociedade, de forma que algumas dessas manifestações são mal vistas e rechaçadas por diversos grupos, fazendo com que, nos discursos científicos, isso não se mostre de maneira diferente, já que algumas práticas são mais estudadas do que outras.

2. O GRAFITE COMO CÓDIGO LINGUÍSTICO NAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS

De modo a construir a reflexão que esta pesquisa propõe, foram selecionados 36 trabalhos dentro das áreas das ciências da linguagem, pensando nas pesquisas que propõem fazer análises dentro das áreas da linguística, da análise do discurso e da semiótica. Para uma melhor visibilidade das categorias teórico-metodológicas adotadas pelos trabalhos analisados, foram realizadas duas divisões: teorias do texto e teorias do discurso, de modo a separar as pesquisas pelos aspectos do objeto grafite que são contemplados, assim como o aporte teórico-metodológico empregado.

A seguir será observado que oito trabalhos se encontram na seção de trabalhos das teorias do texto e 28 estudos são apresentados na seção de teorias do discurso, de modo que fica evidente que o número de trabalhos que fazem uso do grafite como objeto de estudo para análise discursiva é mais elevado do que aquelas que o utilizam para tratar da sua construção e recepção textual.

Além disso, é importante ressaltar que, por vezes, torna-se elementar trazer as imagens do tipo de objeto que está sendo analisado, já que se trata de objetos verbovisuais. Nesse sentido, trazer para a presente reflexão figuras que evidenciam o córpus é essencial.

3.1 Pesquisas embasadas nas teorias do texto

Nesta subseção se encontram os artigos, monografias, dissertações e teses que se preocupam, principalmente, com os aspectos textuais. Dessa forma, trata-se de um espaço reservado a trabalhos que contemplam a área da linguística. Conforme José Luiz Fiorin (2013, p. 37) aponta, a Linguística é “uma ciência porque ela, ao contrário da gramática, não se pretende normativa (não tem por finalidade prescrever como se deve dizer), mas se quer descritiva e explicativa (tem por objetivo dizer o que a língua é e por que é assim)”.

Além disso, essa ciência busca explicar os fenômenos da língua. Sendo assim, encontram-se aqui pesquisas que tratam sobre a estrutura e uso da língua nos textos inscritos sobre os muros.

Quadro 4 – Sistematização de artigos – teorias do texto.

NOME	ANO	PESQUISADOR(A)	BASE DE DADOS
A superdiversidade na paisagem linguística da cidade de Juiz de Fora (MG): o uso de	2015	Mariana Schuchter Soares e	Revista do Gel

diferentes línguas em grafites e pichações		Ana Claudia Peters Salgado	
--	--	----------------------------	--

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2022.

O trabalho “A superdiversidade na paisagem linguística da cidade de Juiz de Fora (MG): o uso de diferentes línguas em grafites e pichações”, realizado por Mariana Schuchter Soares e Ana Claudia Peters Salgado está intrinsecamente ligado à temática política, uma vez que tem por objetivo reconhecer os recursos de línguas políticas nos grafites e nas pichações presentes na cidade de Juiz de Fora (MG). Essa reflexão, da área da linguística aplicada, apresentada por Soares e Salgado (2015) foi realizada enquanto Soares produzia sua tese de doutorado que seguia a mesma temática e análise proposta pelo artigo.

Trata-se de um estudo que se desenvolve no sentido de definir o que é língua e o que é grafite e, para isso, as autoras fazem uso das teorias de Elana Shohamy³ e Durk Gorter⁴ (2009) sobre o primeiro conceito e para o segundo utilizam Alastair Pennycook⁵ (2009). Além disso, as autoras fazem uso dos estudos de Steven Vertovec⁶ (2007; 2010) para compreender o que é a superdiversidade, em que as variedades culturais e linguísticas influenciam no modo como as pessoas da sociedade vivem.

As autoras estabelecem uma descrição da cidade e ainda dos espaços em que estão localizados a maior parte dos grafites e das pichações. Elas abordam o fato de nos textos analisados não se apresentarem somente manifestações da língua portuguesa, como também do inglês, do espanhol, do húngaro e do italiano e para compreender mais sobre essa prática, elas fizeram então uma entrevista com os grafiteiros da cidade, perguntando sobre a intenção de quem picha, se eles já tiveram problemas com a polícia, se existem pichadores universitários ou que estudam sobre a linguagem, qual a idade deles, dentre outras informações.

³ Professora efetiva na Escola de Educação da Universidade de Tel Aviv, em Israel. Estuda políticas de linguagem que influenciam na criação de políticas públicas para imigrantes e grupos minoritários, abordando tópicos multilinguísticos nos direitos linguísticos da sociedade, assim como paisagem linguística.

⁴ Professor efetivo na Universidade do País Basco, no Basco. Estuda multilinguismo, línguas minoritárias europeias e paisagem linguística.

⁵ Professor efetivo de Linguagem, Sociedade e Educação da Universidade de Tecnologia de Sydney, na Austrália. Pesquisador da área da Linguística Aplicada e do Multilinguismo na sociedade.

⁶ Professor Adjunto Honorário de Sociologia e Etnologia na Universidade Georg August de Göttingen, na Alemanha. Realiza pesquisas nas áreas da antropologia e estudos da diversidade, da diáspora, étnicos, raciais, transnacionais e religiosos.

Quadro 5 – Sistematização de monografias – teorias do texto.

NOME	ANO	PESQUISADOR(A)	BASE DE DADOS
Abrindo as portas: o que entra nos grafitos de banheiro? Um estudo comparado dos grafitos de banheiro	2014	Luana Santos Alves	Repositório da UFBA
Grafite como prática de Letramento: o muro e seus escritos	2014	Evanilton Gonçalves Gois da Cruz	Repositório da UFBA
O muro como elemento em mediação do grafite e a pichação em Foz do Iguaçu	2015	Pedro Fernando Vazquez Maciel	Repositório da UNILA

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2022.

Ao analisar as monografias realizadas na área da linguística, torna-se importante pontuar que duas delas foram realizadas no mesmo ano – 2014 – e contavam com o mesmo orientador, o Prof. Dr. Antonio Marcos Pereira. Vale ressaltar ainda que todas as pesquisas realizadas na UFBA que foram contempladas por este estudo tratavam o grafite como uma prática de letramento, de modo a pensar na área da linguística textual.

A primeira, chamada “Abrindo as portas: o que entra nos grafitos de banheiro? Um estudo comparado dos grafitos de banheiro”, produzida por Luana Santos Alves, tem o objetivo de compreender se são diferentes os grafites que surgem em banheiros de espaços sociais diversos, de modo a abranger “shoppings center, escolas de nível fundamental II e médio, estações de ônibus, além do Centro de Convenções da Bahia” (Alves, 2014, p. 100). Uma questão que a autora levanta é o filtro de faixa etária, uma vez que na escola há a predominância de pessoas com menos de 18 anos, enquanto nos outros lugares isso não se evidencia. Além disso, o espaço escolar delimita também o tipo de curso e ensinamento que os indivíduos recebem, ao contrário dos outros lugares que possuem um conjunto muito grande de pessoas diversas.

Um aspecto a ser pontuado dessa pesquisa é que ela, assim como todas as outras realizadas na UFBA, reconhecem o grafite como uma prática de letramento. Nessa pesquisa, por exemplo, faz uso dos conceitos de Roxane Helena Rodrigues Rojo⁷ (2008) para mostrar

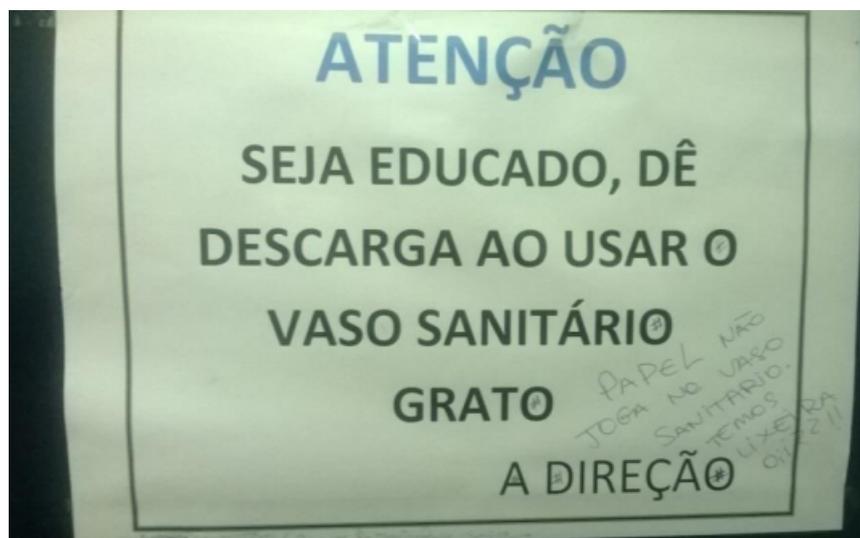
⁷ Professora livre-docente do Departamento de Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência no campo da Linguística Aplicada, atuando em temas como: (multi)letramentos, gêneros do discurso, ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa e avaliação e elaboração de materiais didáticos.

que não se trata de um letramento dominado pelas instituições, mas como uma prática que acontece na vida cotidiana.

Além disso, é uma pesquisa que além de se apoiar no conceito de letramento, faz uso das teorias de gênero textual e gênero do discurso, fazendo uso, portanto, nos estudos de Mikhail Mikhailovich Bakhtin⁸ (2003), que trata dos gêneros primários e secundários. De modo que a autora pode concluir que o grafite se insere como gênero primário pela forma como são realizados na sociedade, em que a prática se dá “em situações comunicativas do cotidiano, sem necessidade de uma instrução formal” (Bakhtin, 2003 apud Alves, 2014, p. 13).

A autora desta pesquisa demonstra como as inscrições feitas nos banheiros dos espaços realizados muitas vezes estão relacionadas a músicas, trechos ou referências a textos bíblicos, assinaturas em forma de *tag* ou pixo, como também xingamentos e interações – em formas de outros comentários acerca do que já estava escrito, como evidenciado pela Figura 16.

Figura 16 – Objeto de análise da pesquisa de Alves (2014)



Fonte: Monografia de Alves, 2014.

A análise se baseia em cinco aspectos da prática do grafite, sendo eles: estrutura – se concentra principalmente nos limites da porta, fazendo comentários a outras que já estavam lá anteriormente, de maneira a refletir onde ele se posiciona em relação ao outro, assim como a questão de sobreposição de escritas quando não há mais espaço –; conteúdo temático e

⁸ Foi um filósofo e teórico de literatura. Pesquisador que contribuiu para a área da Análise do Discurso, principalmente no conceito de linguagem dialógica, e de discurso como algo social, refletindo sobre o seu conteúdo ideológico, com significado e sentido.

propósitos comunicativos – as inscrições possuem um conteúdo que varia entre marcação de presença, sexual, religiosos, dentre outros –; contexto situacional – pensa em aspectos como cultura, momento histórico, político e social, assim como a possível faixa etária e o curso dos indivíduos –; suporte – local em que é feito –; estilo e aspectos linguísticos – manifestação da individualidade e o uso informal da língua (Alves, 2014, p. 45-46).

A pesquisa “Grafite como prática de Letramento: o muro e seus escritos”, também realizada no ano de 2014, tem o objetivo de estudar e analisar a forma como se dá a prática do grafite na cidade de Salvador – Bahia.

Trata-se de uma pesquisa que vê a prática do grafite como algo referente ao letramento vernacular, além disso o vê como um texto multissemiótico que combina características verbais com não verbais. É uma pesquisa que tem o intuito de demonstrar as respostas para as seguintes perguntas: “Como constituir um acervo do grafite soteropolitano? Como identificar tipos de grafite? Como identificar a autoria? A qual grupo o grafiteiro está vinculado? Quais são as regras próprias dessa prática?” (Cruz, 2014, 45).

Evanilton Cruz produziu esta reflexão por estar inserido em bairros periféricos, e perceber a prática de pixo em seus espaços do dia a dia, assim como quem eram as pessoas que faziam essas inscrições. Ele afirma que essa prática era realizada por pessoas negras, como ele, que pretendiam criticar a desigualdade (Cruz, 2014, p. 15). Para a presente análise, o autor faz uso de estudos antropológicos e de letramento, fazendo uso de pesquisadoras como Magda Becker Soares⁹ (2010) e Angela Del Carmen Bustos Romero de Kleiman¹⁰ (2005), de modo a promover uma reflexão sobre a sociedade através da escrita.

Em 2015, houve a publicação da monografia “O muro como elemento de mediação do grafite e da pichação em Foz do Iguaçu”. É uma pesquisa que, assim como a anterior, pretende compreender como a prática do grafite acontece em uma cidade, mas agora pensando em Foz do Iguaçu.

Para promover a sua reflexão, o autor fez uso de estudos artísticos, sociológicos e geográficos permeados por estudos de língua e linguagem. Por ser um estudo realizado na cidade de Foz do Iguaçu, uma cidade na divisa do Brasil com Paraguai e Argentina, Vazquez Maciel (2015), se apoiando em informações da prefeitura da cidade, afirma que a posição geográfica faz com que haja diversas nacionalidades nesse mesmo espaço, sendo estas

⁹ Professora livre-docente em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Atua nas áreas de alfabetização, leitura e escrita.

¹⁰ Professora da Universidade Estadual de Campinas do Departamento de Linguística Aplicada. É uma pesquisadora conhecida pelos seus estudos sobre leitura, letramento e formação de professores de língua materna.

“paraguaios, argentinos, japoneses, chineses, coreanos, franceses, bolivianos, chilenos, árabes, marroquinos, portugueses, indianos, ingleses, israelenses e tantas outras nacionalidades” (Vazquez Maciel, 2015, p. 10).

A reflexão presente nesta pesquisa considera os muros da cidade como um elemento de mediação das culturas dos países, já que se trata de um espaço de tríplice fronteira. Dessa forma, uma das análises presentes neste estudo visa compreender como a língua espanhola se mescla com a língua portuguesa nas pichações da cidade, como em “primo te quiero un monte vamo arriba parente”, em que “monte” e “parente” estão escritas em português, como evidencia a Figura 17 (Vazquez Maciel, 2015, p. 47).

Figura 17 – Objeto de análise da pesquisa de Vazquez Maciel (2015)



Fonte: Monografia de Alves, 2015.

Assim como no grafite, também analisado na monografia, “*viva el arte y la libre expresió es um derecho pa’respetar sem frontera m’ba guarani*”, que tem um pouco de interferência do português em “sem” – “sem” em português, que em espanhol seria “*sin*”. Essa mescla de línguas se manifesta em diversas inscrições pela cidade, de modo que o autor busca compreender como essas misturas de línguas acontecem (Vazquez Maciel, 2015, p. 47).

Vê-se, portanto, que mais monografias que dissertam sobre o grafite foram encontradas, atingindo um total de três pesquisas. Dentre esses estudos é possível ver que existe um aspecto comum entre eles, em que todos demonstram a construção textual/linguística do grafite.

Quadro 6 – Sistematização de dissertações – teorias do texto

NOME	ANO	PESQUISADOR(A)	BASE DE DADOS
Grafite: uma etnografia dos produtores da escrita urbana de Salvador	2017	Evanilton Gonçalves Gois da Cruz	Repositório da UFBA
O RAP É O ARGUMENTO: Cultura Periférica e atividades argumentativas no nono ano de escola pública de Salvador - BA	2018	Marcela Ferreira Alves	Repositório da UFBA

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2022.

Sobre as dissertações na área da linguística, observa-se que foram produzidas duas na mesma universidade, uma em 2017 e outra em 2018. A primeira refere-se a uma produção de um pesquisador que estuda o grafite desde a monografia e já foi abordada nas discussões deste trabalho. São duas pesquisas que não tiveram o mesmo orientador, mas dissertaram sobre a cultura periférica.

O primeiro trabalho, “Grafite: uma etnografia dos produtores da escrita urbana de Salvador”, inserido nos estudos de Letramento, traz uma reflexão a partir da etnografia, método pertencente à área da antropologia, que visa descrever os grafites realizadas na cidade de Salvador com as seguintes perguntas a serem respondidas:

como organizar os textos espalhados pela cidade, no intuito de se debruçar e ler detidamente essas intervenções? Como compartilhar os conhecimentos de pesquisa para além dos meus pares? Como, efetivamente, poderia dar retorno aos participantes da pesquisa e aos demais interessados no tema (CRUZ, 2017, p. 61).

Nesse sentido, o autor analisa um *blog* e um *Tumblr*, criados por ele, que são duas plataformas diferentes que servem como divulgadores de conteúdo. Dessa forma, ele consegue analisar qual o alcance que as informações postadas estão conseguindo, em que durante o período de escrita da dissertação, no *blog*, foram obtidos 22.068 (vinte e dois mil e sessenta e oito) acessos realizados por pessoas de diferentes países.

No *blog* o pesquisador realizou sua análise com as 121 (cento e vinte e uma) postagens que ele produziu, sendo elas com imagens, informações e notícias acerca das produções de inscrições pela cidade de Salvador, cujo intuito era produzir conteúdos informativos sobre essa prática.

No perfil do *tumblr*, que é uma plataforma um pouco diferente do *blog*, pois há a predominância de compartilhamentos de apenas imagens, ele agia de modo a constantemente

postar imagens de grafites realizados na cidade de Salvador. Sendo assim, foram realizadas 616 (seiscentos e dezesseis) postagens, em que o objetivo era encontrar os autores dos grafites realizados na cidade de Salvador.

As informações trazidas pelo autor foram construídas não entorno do grafite em si, mas do modo como ele era recebido pelas pessoas que acessavam as duas plataformas digitais. Nas configurações desses *sites* eram apresentadas estatísticas que permitiam verificar as recepções das publicações desde a sua postagem, de maneira diária e mensal, como evidencia a Figura 18.

Figura 18 – Objeto de análise da pesquisa de Cruz (2017).



Fonte: Dissertação de Cruz, 2017.

Foi um estudo que fez uso, portanto, da metodologia etnográfica, tendo o apoio das teorias da História da Cultura Escrita e da História Cultural, trabalhadas por Peter Burke¹¹ (2008).

A segunda pesquisa realizada na Universidade Federal da Bahia, no ano de 2018, chamada “O RAP É O ARGUMENTO: Cultura Periférica e atividades argumentativas no nono ano de escola pública de Salvador – BA”, que justamente trata sobre as Teorias da Argumentação, teve como objetivo compreender as estruturas argumentativas das manifestações da cultura periférica, sobretudo o *rap*, mas abordando ainda as expressões escritas dessa comunidade, de modo a ampliar a leitura, a escrita e a oralidade de estudantes da escola em que a reflexão da pesquisa foi realizada.

Para isso, a autora fez uso de diversos aportes teóricos, tendo em vista, por exemplo Alejandro Reyes¹² (2013), que trata sobre os movimentos literários da periferia e o modo como as práticas inseridas nesse contexto possuem uma dimensão política e social importante.

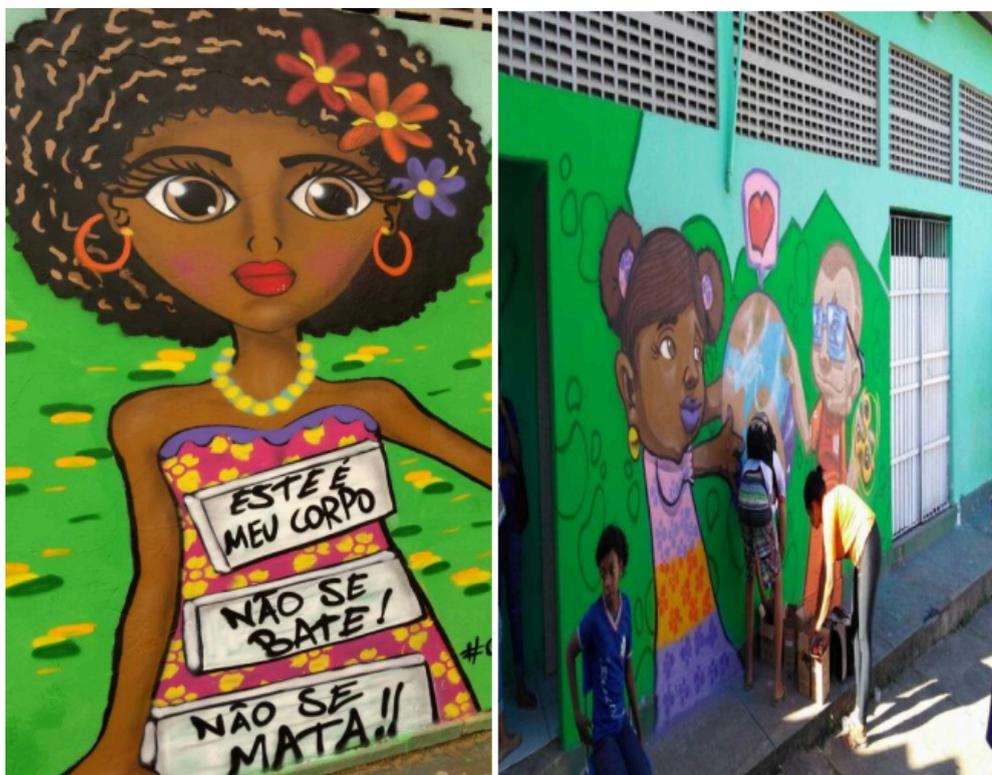
¹¹ Professor emérito Universidade de Cambridge da disciplina de História das Ideias. Historiador e pesquisador no campo dos estudos da cultura material e aspectos socioculturais na Idade Moderna, principalmente europeia.

¹² Escritor, tradutor, jornalista e ativista. Pesquisador do movimento de literatura periférica/marginal no Brasil.

Utilizou também Paulo Reglus Neves Freire¹³ (1979), que aborda o fato de que a sociedade desenvolve saberes hegemônicos, em que são perceptíveis as relações de opressão que se amparam no capitalismo.

De forma a abordar o grafite, foram selecionadas diversas temáticas para serem trabalhadas em sala de aula, tendo em vista, por exemplo: identidade, diversidade, respeito, tolerância, assim como respeito ao meio ambiente e ao corpo negro, como fica evidente no seguinte exemplo trazido pela pesquisa, representado pela Figura 19.

Figura 19 – Objeto de análise da pesquisa de Alves (2018).



Fonte: Dissertação de Alves, 2018.

A dinâmica na escola se deu de maneira a abranger muitos aspectos da cultura negra e da periferia, de modo que danças foram realizadas, palestras foram feitas, *raps* foram criados e grafites foram inscritos.

No sentido de analisar os grafites, os alunos agiam de forma a reconhecer as marcas linguísticas dos argumentos presentes nas músicas de *rap*, de maneira a relacionar também com as batidas do *break* e compreender que essas produções são uma forma de valorizar a

¹³ Educador e filósofo brasileiro, muito influente na história da pedagogia mundial. Autor do livro “Pedagogia do Oprimido” (1972) e muitos outros que agem de modo a tratar da pedagogia crítica e da educação dialógica, criticando a educação bancária.

identidade de determinadas comunidades. Nesse sentido, a autora fez uso dos estudos de Kleiman (2005) para abordar as habilidades linguísticas pertencentes a um leitor proficiente.

Quadro 7 – Sistematização de teses – teorias do texto.

NOME	ANO	PESQUISADOR(A)	BASE DE DADOS
Só barulho do spray foskando algum tom”: os grafismos urbanos na paisagem sociolinguística da cidade de Juiz de Fora/MG	2018	Mariana Schuchter Soares	Repositório da UFJF

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2022.

Dentro da área da linguística, uma tese que trata sobre o grafite foi realizada em 2018, tendo como pesquisadora Mariana Schuchter Soares, autora também de um outro artigo analisado por este estudo, escrito em 2015. Essa tese teve como objetivo:

compreender como a superdiversidade está presente na paisagem sociolinguística da cidade de Juiz de Fora/MG por meio dos grafismos urbanos (grafites e pichações), considerando que, em seus contornos locais, essas manifestações tornaram-se frequentemente plurilíngues (Soares, 2018, p. 7).

Por meio das produções de inscrição sobre os muros, a autora comprovou a superdiversidade sociolinguística da cidade de Juiz de Fora, reconhecendo que o grafite é um tipo de texto que significa as culturas dos interlocutores (Soares, 2018, p. 114).

Diante dessas percepções, constatou-se que a maioria das inscrições possuem letras do alfabeto, de modo que são compreensíveis àqueles que não possuem conhecimento da estética dessa escrita transgressora. Além disso, foram observadas inscrições com interferências de línguas como “italiano, francês, latim, alemão, inglês e *codemeshing*” (Soares, 2018, p. 115). *Codemeshing* pode ser conceituado como uma prática que mistura recursos de diversas línguas diferentes de modo consciente, vista em pichações como “*I love quebrada*”, como demonstra a Figura 20.

Figura 20 – Objeto de análise da pesquisa de Soares (2018).



Fonte: Tese de Soares, 2018.

Nesse sentido, observa-se que há uma mistura entre a Língua Portuguesa e Língua Inglesa, de maneira a ter o sentido da frase “*I love hood*”¹⁴ ou “Eu amo quebrada”. Ainda com a mescla das línguas, o sentido permanece o mesmo.

Sendo assim, torna-se importante pontuar que, no que se refere à quantidade de pesquisas analisadas, foram encontrados: um artigo, três monografias, duas dissertações e uma tese sobre o grafite sendo analisado do ponto de vista das teorias do texto. Desse modo, fica evidente que esse tipo de texto não é muito contemplado pelas teorias do texto.

3.2 Pesquisas embasadas nas teorias do discurso

Esta subseção contempla as quatro modalidades de pesquisa selecionadas – artigo, monografia, dissertação e tese – que promovem reflexões dentro das áreas das teorias do discurso. De acordo com Diana Luz Pessoa de Barros (1988, p. 10, grifo da autora) trata-se de deixar “uma lingüística **pura** e lançar-se no **caos do extralingüístico**”. Nesse sentido, a autora classifica as teorias do discurso em três pontos, sendo eles:

a relação do discurso com a enunciação e com as condições de produção e de recepção; o discurso como lugar, ao mesmo tempo, do social e do individual; a articulação entre narrativa e discurso, isto é, o discurso constituído sobre estruturas narrativas que o sustentam (Barros, 1988, p. 11).

Desse modo, são aqui contempladas pesquisas que possuem esse aspecto de análise, voltadas para análises discursivas.

Quadro 8 – Sistematização de artigos – teorias do discurso.

NOME	ANO	PESQUISADOR(A)	BASE DE DADOS
------	-----	----------------	---------------

¹⁴ A palavra “*hood*” é uma gíria da cultura do *RAP* e do *HIP HOP*, que vem da palavra “*neighborhood*” e pode ser traduzida como “gueto” ou “quebrada”.

Do <i>spray</i> aos <i>pixels</i> : um estudo semiótico sobre a ciberculturalização do graffiti	2008	Deborah Lopes Pennachin	Repositório da UFSM
Análise semiótica do Mural d'os Gêmeos em parceria com Blu na Avenida Fontes Pereira de Melo, em Lisboa	2014	Talita Késsia de Sena; Ricardo Jorge de Lucena Lucas	Repositório da UFC
Análise crítica do discurso negro em forma de grafite: questionando sentidos dominantes através do discurso multimodal	2015	Geórgia Maria Feitosa e Paiva, Hiran Nogueira Moreira e Francisca Poliane Lima de Oliveira	Repositório da UFC
Memorial: Projeto de intervenção pedagógica voltado para o trabalho com o grafite como instrumento de inserção dos pressupostos da lei 10639/03 no Plano de Sequência Didática (PSD) do 8º ano do ensino fundamental do colégio militar de Salvador	2015	Ana Telma Miranda do Espírito Santo	Repositório da UFBA
O espaço urbano, o grafite e a identidade do sujeito catador	2016	Luciana Fracasse Stefaniu e Luciana C. Ferreira Dias Di Raimo	Repositório da UNICAMP
Formação ética, estética e política em oficinas com jovens: tensões, transgressões e inquietações na pesquisa-intervenção	2017	Renan De Vita Alves de Brito e Andréa Vieira Zanella	Revista Bakhtiniana
Por trás do editorial: um estudo semiótico sobre o ator manifestante de rua	2018	Marcos Rogério Martins Costa	Revista Estudos Linguísticos
Figurações multimodais com bandeiras nos grafites de Banksy: a arte como protesto sociopolítico	2019	Rita de Cássia Bastos Arantes e Maria Clotilde Almeida	Revista Signo
Por uma análise do discurso “revolucionário” em pichações	2019	João Kogawa e Patrícia Bucioli Knetsch	Revista Estudos Linguísticos
Divisões nos sentidos de “mulher”: argumentação, enunciação e político	2020	Renata Ortiz Brandão	Revista Letras & Letras

Mudanças de suporte na história das inscrições urbanas	2021	Thiago Moreira Corrêa	Estudos Semióticos
Relações de autoria e audiência na pichação urbana: uma perspectiva dialógica	2021	Rodrigo de Oliveira Machado e Adolfo Pizzinato	Repositório da UFRGS

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2022.

O artigo chamado “Do *spray* aos *pixels*: um estudo semiótico sobre a ciberculturalização do graffiti”, publicado no ano de 2008 por Deborah Lopes Pennachin, trata dos processos de tradução intersemiótica relacionados ao grafite, principalmente em lugares que não possuem muita visibilidade, mas que possuem sua existência prolongada pela prática de registros fotográficos e por postagens na *internet* que ampliam sua disseminação.

Para a construção da reflexão proposta, foram analisados a forma como os grafites eram abordados nos *sites* pessoais dos artistas de rua, tendo em vista os *sites* “Flickr.com” e “Fotolog.com”. Sendo assim, a autora do artigo faz uma construção em torno do *locus* de comunicação que se dá pelo contato virtual, tendo em vista publicações de fotos como a representada pela Figura 21:

Figura 21 – Objeto de análise da pesquisa de Pennachin (2008).



Fonte: Artigo de Pennachin, 2008.

Para a análise, foram utilizados teóricos como Júlio Plaza¹⁵ (2003) para tratar do conceito de semiose e linguagem; Philippe Dubois¹⁶ (2004), visando abordar a prática de fotografar, que contempla os aspectos temporal e espacial. Além disso, faz uso dos estudos de Bakhtin (1987) de modo a abordar o processo de tradução intermediática do grafite.

O artigo publicado em 2014, “Análise semiótica do Mural d’os Gêmeos em parceria com Blu na Avenida Fontes Pereira de Melo, em Lisboa”, produzido por Talita Késsia de Sena; Ricardo Jorge de Lucena Lucas, faz uso da teoria semiótica de Charles Sanders Peirce¹⁷. Além disso, se apoia também em textos da Maria Lucia Santaella Braga¹⁸ (2005). Desse modo, o método de análise empregado para a reflexão desse artigo são os três elementos formais que se encontram nos fenômenos da realidade, sendo eles a primeiridade, a secundidade e a terceridade, ou seja, sentimento das coisas, características dos objetos e particularidades do objeto, respectivamente.

Desse modo, a autora declara que o primeiro passo para a análise é a contemplação, ou seja, permitir-se ser afetado pela experiência fenomenológica da imagem. A partir disso, é analisado o suporte, pensando quais são os aspectos físicos e estruturais do lugar em que o grafite foi feito, vendo-o de diversos ângulos, sendo mais próximo ou mais afastado do lugar de inscrição. Além disso, é analisado não somente o suporte, como também o ponto da cidade em que ele está inserido, uma vez que esse aspecto corrobora com a produção de sentido do grafite, como evidenciado pela Figura 22:

¹⁵ Foi professor em diversas instituições, ministrando disciplinas como Linguagem Visual e Artes Plásticas em universidades como Universidad de Puerto Rico, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP, Fundação Armando Álvares Penteado – Faap e Instituto de Artes da Unicamp. Promove pesquisas sobre a interação entre imagem e texto.

¹⁶ É um pintor e pesquisador muito influente na área da imagem tecnológica, de modo a estudar os processos de realização da fotografia. Professor do departamento de cinema e audiovisual na Universidade Sorbonne Nouvelle, em Paris.

¹⁷ Foi professor na Universidade John Hopkins, em Baltimore. Pesquisador considerado um dos fundadores do pragmatismo e da semiótica contemporânea, também conhecida como peirciana, mais tarde desenvolvida por Bertrand Russel.

¹⁸ Professora efetiva da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo no Programa de pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital. Uma das principais propagadoras dos estudos da semiótica peirciana.

Figura 22 – Objeto de análise da pesquisa de Sena e Lucas (2014).



Fonte: Artigo de Sena e Lucas, 2014.

Outro aspecto analisado pela pesquisadora é a difusão de cores dos grafites. Além disso, ela afirma que analisar essa prática pela fotografia faz com que a experiência de deprender como o grafite se relaciona com o espaço em que está inscrito se perca. No entanto, ainda é possível realizar análises no sentido de compreender também o efeito que o signo produz em um intérprete, tendo em vista os conceitos de signo, objeto e interpretante (Sena; Lucas, 2014, p. 6-10).

O artigo publicado em 2015, “Análise crítica do discurso negro em forma de grafite: questionando sentidos dominantes através do discurso multimodal”, de Geórgia Maria Feitosa e Paiva, Hiran Nogueira Moreira e Francisca Poliane Lima de Oliveira, visa tratar sobre como o grafite revela um discurso multimodal de um movimento negro, que tem por objetivo questionar os sentidos que são impostos pelo discurso hegemônico, que é predominantemente racista. Para que essa reflexão fosse estabelecida, os autores deste artigo colocam o grafite como uma manifestação que produz subjetividade e que transforma o imaginário social. Esses aspectos podem ser vistos no exemplo apresentado pela Figura 23:

Figura 23 – Objeto de análise da pesquisa de Paiva, Moreira e Oliveira (2015).



Fonte: Artigo de Paiva, Moreira e Oliveira, 2015.

Os autores realizam suas análises se apoiando, principalmente, nos estudos de Norman Fairclough¹⁹ (2001) – que trata a Teoria Social do Discurso dentro da Análise do Discurso Crítica (ADC) – de maneira a abordar identidades sociais, posições de sujeito, sujeitos sociais e tipos de “eu”, além de discutir as relações sociais entre pessoas, sistemas de conhecimentos e crenças e ainda a função ideacional da linguagem. Além disso, fazem uso, também, dos conhecimentos de Gunther Kress²⁰ e Theo van Leeuwen²¹ (2001; 2006) – teóricos da Gramática do Design Visual (GDV) – para analisar os elementos imagéticos nos textos, assim como os estudos de Hanks (2008) para tratar do conceito de texto.

Diante disso, essa pesquisa evidencia uma análise de grafites em que se encontra inscrito no muro frases como: “Não tenho vergonha do meu [desenho de uma cabeça] tenha vergonha do seu racismo” (Paiva; Moreira; Oliveira, 2015, p. 77). De modo que a ADC e GDV são utilizadas para compreender a significação potencial produzida por inscrições como essa.

Um outro estudo foi desenvolvido também no ano de 2015, sendo este o trabalho intitulado “Memorial: Projeto de intervenção pedagógica voltado para o trabalho com o grafite como instrumento de inserção dos pressupostos da lei 10639/03 no Plano de Sequência Didática (PSD) do 8º ano do ensino fundamental do colégio militar de Salvador”, produzido

¹⁹ Linguista britânico precursor da Análise Crítica do Discurso, que analisa a influência das relações de poder no conteúdo e nas estruturas do texto, principalmente os midiáticos. Analisa o discurso como ponto central da globalização, no neoliberalismo e no “novo capitalismo”.

²⁰ Foi um linguista e semiótico. É um dos principais teóricos da Análise Crítica do Discurso, da Semiótica Social e da Multimodalidade.

²¹ Professor emérito da Universidade de Tecnologia de Sydney, na Austrália. Pesquisador influente nos estudos da semiótica visual, multimodalidade e análise crítica do discurso.

por Ana Telma Mirando do Espírito Santo. Trata-se de um estudo que tinha como objetivo tentar inserir a Lei 10.639/03 nas aulas de Língua Portuguesa no 8º ano de um colégio militar. Essa lei diz respeito à valorização e implementação da história e da cultura africana, assim como afro-brasileira.

A autora analisou o grafite com o intuito de transcender os tipos de textos que são predominantemente trabalhados nas salas de aula, principalmente no que se refere a escolas militares que reproduzem uma cultura eurocêntrica. Dessa forma, a professora trabalhou no intuito de desconstruir a ideia de que a prática do grafite é uma transgressão às leis, de maneira a compreender que é uma manifestação artística, se tornando parte do patrimônio artístico no Brasil e no mundo (Do Espírito Santo, 2015).

O grafite foi escolhido para valorizar a cultura negra, segundo a autora, pois, assim como o *HIP HOP*, envolve sujeitos que fazem parte da população negra e de pessoas que são marginalizadas pela sociedade, temática esta que não é abordada dentro das escolas militares.

Sendo assim, as dinâmicas em sala de aula se concentraram em analisar os grafites que traziam a cultura africana e afro-brasileira, de forma a apresentar como o grafite tem o intuito de conscientizar e engajar a população, tendo em vista, por exemplo, o grafite realizado em uma caixa d'água da própria escola, evidenciado pela Figura 24, em que a dinâmica estava sendo realizada, de maneira a demonstrar as dificuldades que parte da população enfrenta por serem privados de água pela desigualdade de distribuição pelos órgãos responsáveis. Dessa forma, vê-se que a professora não trabalha apenas as imagens trazidas pelo grafite, mas também o lugar em que ele é feito, de forma que o sentido dessa prática se constrói também pelo suporte em que a inscrição se encontra.

Figura 24 – Objeto de análise da pesquisa de Do Espírito Santo (2015).



Fonte: Artigo de Do Espírito Santo, 2015.

Posto isso, a autora acredita que o grafite é uma prática de letramento, apoiada nos estudos de Evanilton Gonçalves Gois da Cruz²² (2014), uma vez que está sempre no cotidiano das pessoas, sobretudo daquelas que são marginalizadas pela sociedade. Ela evidencia que esse tipo de texto não aparece de forma homogênea, de modo que o suporte em que é realizado varia bastante. Além disso, ela demonstra os tipos de temáticas que são abordadas por esse tipo de texto e o motivo de estarem em determinados lugares (Do Espírito Santo, 2015, p. 57).

No ano seguinte, em 2016, foi produzido o artigo intitulado “O espaço urbano, o grafite e a identidade do sujeito catador”, escrito por Luciana Fracasse Stefaniu e Luciana C. Ferreira Dias Di Raimo. Este estudo traz uma reflexão acerca de um projeto, chamado “*Pimp my carroça*”, em que as carroças de catadores são renovadas pelo grafiteiro Thiago Mundano. Essa prática é realizada com o intuito de disseminar discursos e mobilizações sociais, com pautas como as relações de poder na sociedade, a desigualdade social, cuidados com o meu ambiente, dentre outras.

Este artigo visa “compreender os processos de formulação e circulação de carroças de catadores (re)significadas pelo trabalho do grafiteiro Tiago Mundano, em seus trajetos de sentidos pelo/no espaço urbano.” (Stefaniu; Raimo, 2016, p. 20). Neste estudo as autoras veem o espaço não somente pelo seu aspecto físico, como também linguístico.

Diante disso, o aporte teórico empregado nesta reflexão se concentra nos estudos de Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi²³ (1999), de Michel Marie Jean Gaston Pêcheux²⁴ (1990). As teorias desses pesquisadores são utilizadas de modo a adotar um ponto de vista da produção do discurso, se preocupando com o sujeito-autor. Nesse sentido, as autoras fazem uso da área da Análise do Discurso para entender como os desenhos das carroças se textualizam entre o verbal e o visual de maneira a produzir efeitos de sentidos na/pela circulação no espaço urbano.

A reflexão deste estudo se concentra na constituição, na formulação e na circulação, de maneira a se preocupar com o contexto histórico-ideológico, com as condições de produção e as condições de circulação do texto. A partir disso, é possível, segundo os estudos de Pêcheux

²² Mestre em Língua e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLinC - UFBA - 2017). Pesquisador na área de práticas de letramento vernaculares, de maneira a pesquisar os grafites e os sujeitos grafiteiros da cidade de Salvador – BA. Teve sua monografia e dissertação contemplada pela presente pesquisa.

²³ Professora Visitante na UNEMAT, atuando no ProfLetras e em Linguística. Atua como pesquisadora nos seguintes temas: análise de discurso, linguística, epistemologia da linguagem, história das ideias linguísticas, história das ideias discursivas, e jornalismo científico.

²⁴ Filósofo considerado um dos fundadores fundamentais da área da Análise do Discurso Francesa. Pesquisador que se concentrou na materialidade do discurso, sendo ela histórica e linguística.

(1988), verificar que o sentido de um texto não existe em si, em que é necessário ponderar sobre “aquilo que é dito naquele momento, o que já foi dito e esquecido e também aquilo que não foi dito, mas faz sentido” (Stefaniu; Raimo, 2016, p. 21), aspecto que é empregado em textos como o evidenciado pela Figura 25.

Figura 25 – Objeto de análise da pesquisa de Stefaniu e Raimo (2016).



Fonte: Artigo de Stefaniu e Raimo, 2016.

Assim, observa-se uma construção discursiva em uma circunstância sócio-histórica, em que o sentido do texto é gerado a partir das posições ideológicas do contexto em que as palavras são produzidas.

O trabalho “Formação ética, estética e política em oficinas com jovens: tensões, transgressões e inquietações na pesquisa-intervenção”, escrito por Renan De Vita Alves de Brito e Andréa Vieira Zanella, trata-se de uma reflexão que buscou pensar sobre como a linguagem artístico-visual pode influenciar no desenvolvimento dos adolescentes, bem como a forma como eles recebem os conteúdos por meio dos grafites.

Desse modo, foram feitas oficinas, durante quatro anos (2010-2014), entre 20 e 25 jovens com idades de 13 a 16 anos. As dinâmicas da oficina utilizavam textos como fotografia, lambe-lambe e, sobretudo, o grafite. Os jovens tinham que identificar as temáticas dos grafites e o discurso ali construído, em que os autores do artigo vão analisar, toda essa atividade, pelo uso do dialogismo estudado por Bakhtin (2003, 2008) e Elisabeth Brait²⁵ (2013).

As atividades das oficinas foram coordenadas por graduandos de psicologia e um grafiteiro, nas quais os registros foram realizados por filmagens, fotografias e diários de campo. Os envolvidos na dinâmica produziram no papel desenhos que gostariam de passar

²⁵ Professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pesquisadora muito influente nos estudos discursivos do ponto de vista bakhtiniano.

para o muro cedido pela escola que estudavam, de modo a observar tanto esse percurso quanto o momento da prática da inscrição, assim como a análise da produção e de que como eles foram registrados e analisados.

Diante de todo esse contexto, determinadas práticas ganhavam destaque no momento da análise, principalmente as transgressões às regras estabelecidas, tendo em vista, por exemplo, determinados participantes que começaram a pichar o chão. Essa prática é vista do ponto de vista dos conhecimentos de Peter Pál Pelbart²⁶ (2003), que se apoia nos estudos de Gilles Deleuze²⁷ e Michel Foucault²⁸ para tratar dos conceitos de biopolítica e poder e como essas práticas resistem às normas institucionais.

A pesquisa “Por trás do editorial: um estudo semiótico sobre o ator manifestante de rua”, produzida por Marcos Rogério Martins Costa, realiza uma reflexão tendo como base teorias da semiótica francesa, de maneira a ter como aparato teórico os estudos de Algirdas Julien Greimas²⁹ e Joseph Courtés³⁰ (2008) e ainda um pouco da filosofia bakhtiniana (2006), e, no que se refere ao aspecto editorial desta pesquisa, os estudos de Norma Discini³¹ (2015).

O autor explica sobre como ele chegou à conclusão de que nos discursos da mídia impressa, que se apoia no gênero editorial, o enunciado manifestante é construído de maneira disfórica, uma vez que seu discurso é por vezes criminalizado e em outros momentos é questionado pelas discussões que traz.

Trata-se de um trabalho que traz muito bem trabalhadas as teorias semióticas, e o conceito da enunciação, uma vez que aborda sobre como essa última é estudada para compreender os temas e as figuras presentes no texto, além disso tratando sobre como são os atores da enunciação, bem como sujeito da enunciação. Ademais, traz também uma discussão sobre como é a organização de sentido entre o enunciado e a enunciação nos textos em

²⁶ Professor no Departamento de Filosofia e no Núcleo de Estudos da Subjetividade do Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atua como pesquisador nos temas como: tempo, loucura, subjetividade e biopolítica.

²⁷ Filósofo francês pesquisador da história da filosofia. Atuou também como pesquisador do desejo social, da subjetividade humana e da ética – conhecida como ética deleuziana.

²⁸ Pesquisador nos estudos da relação entre poder e conhecimento e o modo como ambos são utilizados como forma de controle social.

²⁹ Foi professor da École des Hautes Études em Sciences Sociales, em Paris. Fundador da Semiótica Francesa, também conhecida como Semiótica Greimasiana. Pesquisador que visava estudar o discurso a partir de uma estrutura narrativa que se manifesta em qualquer tipo de texto.

³⁰ Professor emérito de linguística na Universidade de Toulouse-Jean Jaurès. É um pesquisador muito influente na área da semiótica greimasiana, tendo publicado, com Greimas, o Dicionário de Semiótica.

³¹ Professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Atua nas áreas de teoria e análise linguística, semiótica e estilística, de modo a descrever e analisar discursos, assim como textos verbais e não verbais.

questão, que são alguns editoriais do ano de 2013 dos jornais da Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo.

Este artigo traz diversos pesquisadores da Semiótica Discursiva, além dos já apresentados, tendo em vista, por exemplo, José Luiz Fiorin³² (1999; 2008; 2010) – para compreender a actorialização como componente da discursivização –, Jacques Fontanille³³ (2008) – abordando os estudos das práticas semióticas que estão presentes na produção e recepção dos textos na mídia – e, por fim, Eric Landowski³⁴ (1992) – para analisar as práticas argumentativas e os sujeitos da enunciação.

O artigo “Figurações multimodais com bandeiras nos grafites de Banksy: a arte como protesto sociopolítico”, desenvolvido por Rita de Cássia Bastos Arantes e Maria Clotilde Almeida, ainda que não faça uso dos mesmos conceitos e da mesma perspectiva teórica, também está associado ao setor político. Trata-se de uma reflexão que tem como corpus três grafites feitos pelo Banksy, trazendo a discussão de que “arte é arma” e para isso, as autoras analisam os grafites para mostrar que são instrumentos políticos, demonstrando também um mapeamento das metáforas e metonímias presentes.

Na sua análise elas contemplam principalmente a teoria da linguística cognitiva, utilizando os estudos de George Lakoff³⁵ (1920; 1989), bem como Mark Johnson³⁶ (1980) e Mark Turner³⁷ (1989). Além disso, abordam a Teoria da Metáfora Multimodal estudada por Charles Forceville³⁸ (2008) e o conceito de cultura visual como prática social, trabalhado por Malcolm Barnard³⁹ (1998). Desse modo, elas observaram que os grafites de Banksy se utilizam de alguns artificios para atrair os olhares, como por exemplo, a ironia, fazendo com

³² Professor associado do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Atua como pesquisador em temas como: enunciação, estratégias discursivas e produção de sentido do discurso e do texto.

³³ Professor de linguística, estilística e retórica da Universidade de Limoges, na França. Pesquisador da semiótica teórica, literária e visual. Elaborou a obra “Semiótica das Paixões” com Greimas.

³⁴ Diretor de pesquisa do Centre National de la Recherche Scientifique, em Paris, Professor visitante permanente na Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Diretor do Centro de Pesquisas em Sociosemióticas.

³⁵ Professor efetivo de Linguística na Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos da América desde 1972. É um dos grandes nomes da pesquisa em linguística cognitiva internacional.

³⁶ Professor efetivo de Filosofia da Universidade de Chicago, nos Estados Unidos da América. Pesquisador, filósofo e cientista cognitivo. Publicou diversos trabalhos com o professor George Lakoff, de maneira a também ser muito atuante na área da linguística cognitiva.

³⁷ Professor efetivo de Ciência Cognitiva na Case Western Reserve University, nos Estados Unidos da América. Realiza pesquisas nas áreas da linguística cognitiva, da retórica cognitiva, filologia cognitiva e da metáfora conceitual.

³⁸ Professor efetivo na Universidade de Amsterdã, na Holanda. Atua nas áreas da linguística cognitiva, semântica cognitiva, comunicação visual, de modo que pesquisa objetos como quadrinhos e desenhos animados, documentário, publicidade, animação, livros infantis etc.

³⁹ Professor-assistente de História e Teoria da Arte & Design na Universidade de Derby, na Grã-Bretanha. Pesquisador nas áreas de reprodução cultural, filosofia e cultura visual.

que o espectador seja colocado na posição de realizar uma interpretação crítica do que está grafitado, uma vez que retira suas ideias preconcebidas sobre um determinado assunto.

Além disso, as pesquisadoras evidenciaram também que, nos seus desenhos analisados, Banksy utiliza de representações de bandeiras, o que faz com que exista uma crítica sociopolítica, fundamentalmente cognitiva, às nações que estão ali representadas, demonstrando como esse tipo de arte possui uma natureza política, como representado pela Figura 26:

Figura 26 – Objeto de análise da pesquisa de Arantes e Almeida (2019).



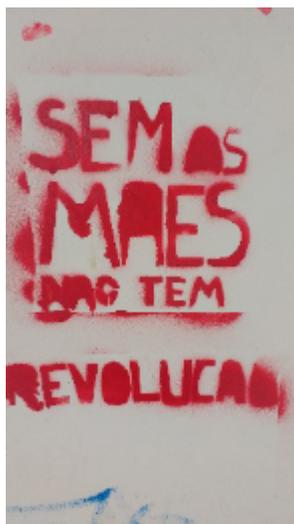
Fonte: Artigo de Arantes e Almeida, 2019.

Em 2019, foi realizado um estudo chamado “Por uma análise do discurso ‘revolucionário’ em pichações”, produzido por João Kogawa e Patrícia Bucioli Knetsch. Trata-se de análises de pichações que disseminam frases sobre a figura feminina, demonstrando diferentes papéis que a mulher ocupa na sociedade e evidenciando que o picho é um espaço de resistência aos valores conservadores.

Para a construção da reflexão deste artigo, é evidenciado que pichar é uma forma de transgredir os valores hegemônicos da sociedade. Para suas análises, os autores fazem muito uso das teorias de Pêcheux (1997, 2015) e Orlandi (2004), para evidenciar diversos sentidos que um mesmo enunciado pode ter, de forma que seu interdiscurso se torna dependente dos campos de saber ao qual se está correspondendo em cada momento.

Foi evidenciado, por exemplo, uma presença constante da figura materna nos grafites, como em frases como “Sem as mães não tem revolução”, “Eu não vim da sua costela. Você veio do meu útero” e “Toda mulher é mãe de todos os homens”. Os autores evidenciam, portanto, como a pichação de manifesta de modo a expressão do imaginário social, como representa a Figura 27:

Figura 27 – Objeto de análise da pesquisa de Kogawa e Knetsch (2019).



Fonte: Artigo de Kogawa e Knetsch, 2019.

Outro artigo contemplado por esta análise, chamado “Divisões nos sentidos de ‘mulher’: argumentação, enunciação e político”, escrito por Renata Ortiz Brandão, não se trata apenas de uma análise sobre a prática do grafite, uma vez que aborda o modo como a palavra “mulher” aparece em enunciados distintos, sendo analisadas, portanto, duas materialidades enunciativas, sendo elas:

- 1) o dizer da senadora do PSL Soraya Thronicke, presidente do grupo PSL Mulher, e 2) o dizer da Rede NAMI, uma ONG formada por grafiteiras que propõe ações para o combate da violência de gênero e para o desenvolvimento do protagonismo social da mulher (Brandão, 2020, p. 97).

No que se refere à análise das inscrições, a autora se concentra nas produções de um projeto chamado *Graffiti pelo fim da violência contra a mulher*⁴⁰ da Rede NAMI, que busca educar a população, divulgando a Lei Maria da Penha. E, como aparato teórico-metodológico para compreender os discursos manifestados, Brandão (2020) faz uso dos estudos de Orlandi (1996; 2012) para apreender os procedimentos de interpretação do trabalho simbólico

⁴⁰ Informações acerca do projeto encontram-se disponíveis no site: <<https://redenami.com/graffiti-pelo-fim-da-violencia-contra-a-mulher/>> Acesso em 20 jul. 2022.

realizado, assim como os conhecimentos de Michel Pêcheux⁴¹ (1988; 1990; 2014) para tratar do funcionamento da linguagem.

O artigo publicado em 2021, cujo nome é “Mudanças de suporte na história das inscrições urbanas”, evidencia um estudo sobre como o suporte em que o grafite é inscrito influencia diretamente na sua significação. Trata-se de um estudo realizado por um autor que produziu diversos estudos em torno da temática do grafite, considerando, inclusive sua tese de doutorado, publicada cinco anos antes desse artigo, intitulada “Inscrições Urbanas: abordagem semiótica”.

Desse modo, o artigo faz referência, por diversas vezes, à tese apresentada por Correa (2016), que trata, por exemplo, do percurso histórico da prática do grafite, abordando, assim as variações de inscrições e as mudanças de suporte. Trata-se de um estudo que se apoia, principalmente, nos conhecimentos teóricos de Fontanille (2005; 2008) – demonstrando a interdependência entre os níveis de pertinência –, Maria Giulia Dondero⁴² e Everardo Reyes-Garcia⁴³ (2016) – evidenciando o conceito de suporte empregado na prática do grafite.

Sendo assim, o autor observa que a mudança e utilização do suporte remete às normas da prática. Além disso, ele evidencia que a mudança ocorreu de modo a representar uma vontade de reconhecimento por parte dos inscrites. Posto isso, Correa (2021) conclui que a produção de sentido no grafite se dá pela relação entre a inscrição e o suporte.

O último artigo encontrado, chamado “Relações de autoria e audiência na pichação urbana: uma perspectiva dialógica”, escrito por Rodrigo de Oliveira Machado e Adolfo Pizzinato em 2021, pretende compreender as relações entre a produção e a recepção das pichações realizadas na cidade de Porto Alegre.

Para isso, os autores realizaram entrevistas tanto com pichadores quanto transeuntes da cidade a fim de coletar informações acerca das suas percepções sobre o grafite. Como forma de interpretar esses dados, foram constantemente referenciados os estudos de Bakhtin, no que se refere, principalmente ao conceito de dialogismo.

As perguntas presentes nas entrevistas eram feitas utilizando imagens de pichações direcionadas aos entrevistados, em que a pergunta central era: “O que essa imagem representa para ti? (Machado; Pizzinato, 2021, p. 143). A partir das respostas fornecidas pelas perguntas realizadas, os autores puderam perceber, utilizando os estudos de Bakhtin, como era

⁴¹ Filósofo e linguista. Precursor da Análise do Discurso Francesa, estudando principalmente a materialidade e a semântica do discurso, assim como a materialidade ideológica.

⁴² Professora da Université de Liège, na Bélgica. Atua como pesquisadora na área da semiótica visual, principalmente sobre imagem científica, artística e religiosa.

⁴³ Professor da Université de Vincennes, em Paris. Atua como pesquisador na área da semiótica visual.

construído o diálogo no espaço urbano, uma vez que se observa como o grafite é colocado como um enunciado que pressupõe um sujeito que fala e um outro que escuta.

Por conseguinte, diante do número de artigos que abordam o grafite em suas análises discursivas – 12 trabalhos – é evidente que existem muito mais trabalhos que caminham nessa perspectiva analítica do que no âmbito da teoria textual. Sendo assim, trata-se da modalidade em que mais trabalhos foram selecionados.

Quadro 9 – Sistematização de monografias – teorias do discurso.

NOME	ANO	PESQUISADOR(A)	BASE DE DADOS
O grafite como linguagem da cidade: um estudo da comunicação a partir das interferências do espaço urbano na manifestação do grafite na cidade de Manaus	2011	Ana Bárbara de Souza Teófilo	Repositório da UFAM
Análise do discurso amoroso nos muros de Guarabira/PB: Um olhar a partir das pixações	2017	Joseeldo Pereira da Silva Júnior	Repositório da UEPB
Grafito nas celas das delegacias de Itabaiana e Lagarto: um olhar através da análise crítica do discurso	2018	Érika Consolata de Oliveira	Repositório da UFS
Leitura semiótica do grafite na cidade do Rio de Janeiro	2022	Lindalva da Silva da Rocha	Repositório da UFRJ

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2022.

Na área da semiótica, duas monografias foram realizadas, uma em 2011 e outra em 2022. A primeira, realizada por Ana Bárbara de Souza Teófilo, chamada “O grafite como linguagem da cidade: um estudo da comunicação a partir das interferências do espaço urbano na manifestação do grafite na cidade de Manaus”:

está vinculada ao projeto “Espaços semióticos urbanos: um estudo da comunicação a partir das interferências do espaço urbano na dinâmica dos sistemas de signos”, que explora a cidade como espaço de produção de linguagem e de comunicação e está em execução na UFAM, no Mediação – Grupo de Pesquisa em Semiótica da Comunicação (certificado pela Ufam no CNPq), linha de pesquisa Linguagens da Comunicação, sob a coordenação da Profa. Dra. Mirna Feitoza Pereira, com apoio do CNPq e da Fapeam, Programa Primeiros Projeto (PPP) (Teófilo, 2011, p. 8).

Trata-se de uma pesquisa que visa “conceituar o espaço urbano como espaço semiótico; reconhecer gêneros e formatos da comunicação no espaço urbano; examinar as interferências do espaço urbano na modelização e enunciação da comunicação urbana” (Teófilo, 2011, p. 8).

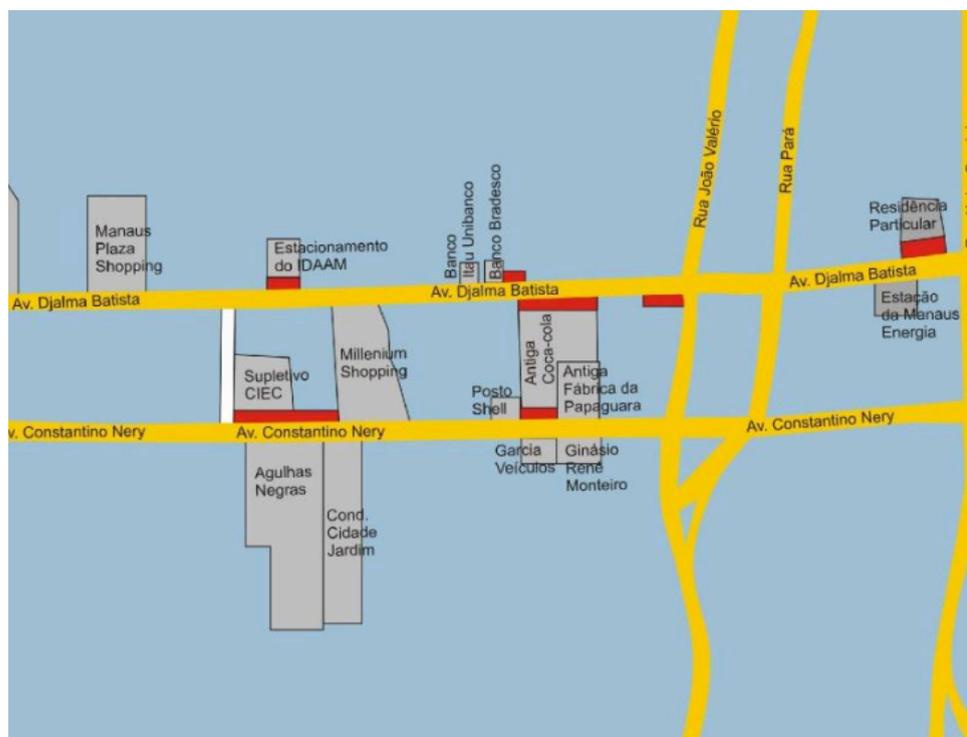
As análises deste estudo são feitas a partir do conceito de semiose de Peirce, assim como o conceito de semiosfera de Yuri Lotman⁴⁴ (1996), de maneira a compreender que toda linguagem está inserida em um espaço semiótico e que seu funcionamento se dá pela interação com este espaço. Como subsídio para estudar o espaço, também foram utilizados os estudos de Milton Santos⁴⁵ (2008).

A pesquisadora traz um mapa semiótico, evidenciado pela Figura 28, em que podem ser vistas as relações dos sistemas de signos com o grafite – em que as inscrições são as partes de cor vermelha –, de maneira que ficam evidentes os elementos fixos do espaço geográfico, demonstrando assim as relações de interdependência com esses sistemas (Teófilo, 2011, p. 36-37).

⁴⁴ Semioticista e historiador cultural. Formulou o conceito de semiosfera, que se trata de um universo semiótico, em que linguagens e textos diversos se articulam entre si de maneira a serem interpretados de acordo com a estrutura cultural posta em questão.

⁴⁵ Foi professor de diversas universidades, atuando como geógrafo, escritor, pesquisador e ativista. Teve como aspecto inovador dos seus estudos a conceituação de “espaço”, relacionando-o com o progresso tecnológico, a globalização e o sistema capitalista.

Figura 28 – Objeto de análise da pesquisa de Teófilo (2011).



Fonte: Monografia de Teófilo, 2011.

Sendo assim, este estudo operou de maneira a verificar o modo como o espaço interfere na produção da prática do grafite e como as relações entre a inscrição e espaço moldam o espaço urbano.

Outra monografia a ser analisada chama-se “Análise do discurso amoroso nos muros de Guarabira/PB: Um olhar a partir das pixações”, escrita por Joseeldo Pereira da Silva Júnior, no ano de 2017. Refere-se a uma pesquisa que visa compreender os efeitos de sentido produzidos pelos/atravs dos muros diante da perspectiva de uma análise utilizando os conhecimentos da Análise do Discurso.

Para que a reflexão dessa pesquisa pudesse se desenvolver, foram utilizados os estudos de Foucault (1976; 1979), evidenciando as relações de poder envolvidas na produção do grafite, em que é tido como um tipo de texto que dá voz a pessoas marginalizadas pela sociedade, de maneira a trazer à tona o efeito das relações de poder nessas produções.

Além disso, como forma de complementar a discussão, o autor traz obras e pesquisadores que, dentro da área da análise do discurso contemplam a aparição do discurso

amoroso, como Roland Barthes⁴⁶ (1981) com “Fragmentos de um discurso amoroso”. No grafite esse aspecto é evidenciado pela Figura 29:

Figura 29 – Objeto de análise de Silva Júnior (2017).



Fonte: Monografia de Silva Júnior, 2017.

Neste exemplo é possível verificar como as relações de poder ficam evidentes, uma vez que a palavra que foi suprimida da inscrição foi “polícia”, de modo que se evidencia uma hierarquia diante dos sujeitos na sociedade, implicando a proibição de críticas direcionadas à polícia, que é vista de maneira superior aos pichadores.

Em 2018, Érika Consolata de Oliveira publicou uma pesquisa intitulada “Grafito nas celas das delegacias de Itabaiana e Lagarto: um olhar através da análise crítica do discurso”, cujo objetivo era “analisar os grafitos realizados por sujeitos que se encontram presos temporariamente em celas de delegacias” (Oliveira, 2018, p. 11). Este estudo seguiu diversas teorias da análise do discurso, dentre elas a concepção tridimensional do discurso, proposta por Fairclough (2016) – texto prática discursiva e prática social – dessa forma, muitos aspectos foram considerados na análise da pesquisadora, tendo em vista, portanto, que:

na análise textual quatro categorias consideradas no campo texto: vocábulo, gramática, coesão e estrutura social. No campo da análise de práticas discursivas, o autor sugere que sejam considerados o processo de produção, distribuição e consumo do texto. Já no campo do discurso, enquanto prática social, o autor leva em conta as categorias hegemônica e ideológica, possibilitando compreender significados e construções da realidade identificáveis no discurso (Oliveira, 2018, p. 12).

Ao longo do estudo, a autora faz um levantamento das categorias das inscrições encontradas nas delegacias, podendo ser divididas entre: religiosa, afetiva, apologia ao crime,

⁴⁶ Foi professor de Semiologia no Collège de France. Atuou como pesquisador inserido na área da semiótica. É conhecido pela sua obra “A morte do autor”.

apologia às drogas, frases, família, gênero musical, aviso e ameaça, em que as mais comuns são as religiosas e as afetivas, como demonstra a Figura 30:

Figura 30 – Objeto de análise da pesquisa de Oliveira (2018).



Fonte: Monografia de Oliveira, 2018.

A pesquisadora fez uso também dos estudos de Carolyn Reynolds Miller⁴⁷ (2008) e Charles Bazerman⁴⁸ (2005), que apresentam o conceito de gênero como ação social, assim, fazendo uso das teorias da Análise Crítica do Discurso (ACD).

Em 2022, o trabalho “Leitura semiótica do grafite na cidade do Rio de Janeiro”, escrito por Lindalva da Silva da Rocha, foi realizado no departamento de línguas anglo-germânicas e tinha como perspectiva abordar os estudos semióticos para compreender a arte urbana pelo viés dessa ciência, que possibilita realizar uma interpretação da imagem, como a representada pela Figura 31:

⁴⁷ Professora emérita da disciplina de Retórica e de Comunicação Técnica na Universidade Estadual da Carolina do Norte. Realiza pesquisa nas áreas da retórica digital, retórica da ciência e da tecnologia, assim como escrita técnica e profissional.

⁴⁸ Professor de educação na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara. Realiza pesquisas de maneira a compreender a escrita como uma forma de sistematização e participação social e como modo de produção e disseminação de conhecimento.

Figura 31 – Objeto de análise de Rocha (2022).



Fonte: Monografia de Rocha, 2022.

Como forma de contemplar a teoria semiótica, os pesquisadores requisitados foram Greimas (1970), Regina Souza Gomes⁴⁹ (2007), Renata Ciampone Mancini⁵⁰ (2007) e Diana Luz Pessoa de Barros⁵¹ (1987; 2002), de maneira a analisar as estruturas discursivas e seu sentido.

Diante disso, diversos conceitos da semiótica discursiva são utilizados neste estudo, dentre eles o percurso gerativo de sentido, abordando, portanto, os três níveis – fundamental, narrativo e discurso –, assim como os conceitos de figurativização e tematização.

A análise da autora se constrói de forma a compreender as figuras e os temas manifestados nas inscrições, de maneira que a relação entre eles evidencie uma crítica social, permitindo interpretar os comportamentos e modos de vida da sociedade. Além disso, investiga como as categorias de pessoa, espaço e tempo das inscrições, de maneira que apreende a cultura e a vida cotidiana da comunidade em questão.

Verifica-se, portanto, que quatro monografias foram encontradas para compor este trabalho, em que duas são produzidas dentro dos estudos da Semiótica, enquanto as outras duas se apoiam nos conhecimentos da Análise do Discurso.

⁴⁹ Professora do Departamento de Letras Vernáculas da UFRJ. Atua como pesquisadora na área da semiótica, abordando questões como fotografia, textos jornalísticos e ensino e leitura da língua portuguesa. Aborda como o sincretismo está presente na mídia e as contribuições da semiótica para o ensino da leitura e produção de textos.

⁵⁰ Professora de Linguística e Semiótica do Departamento de Linguística da Universidade São Paulo, pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da UFF e do Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral da USP. Realiza pesquisas em temas como: Traduções Intersemióticas e Linguagens Híbridas.

⁵¹ Professora titular (aposentada) do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Desenvolve trabalhos com base na semiótica narrativa e discursiva e história das ideias linguísticas, de maneira a analisar discursos e textos.

Quadro 10 – Sistematização de dissertações – teorias do discurso.

NOME	ANO	PESQUISADOR(A)	BASE DE DADOS
Comunicação e cultura – Relações (tensas) entre manifestações culturais periféricas e mídias: o caso HIP HOP	2006	Cláudia Cristina Neves da Luz Borges	Repositório da UFMT
O desenho como inscrição e linguagem urbana: Pichação e Grafite em Alagoinhas-BA	2012	Rogério Alves Oliveira	Repositório da UEFS
O dualismo grafite vs pichação? Arte grafite, <i>tagging</i> , pichação e pixo	2015	Marcos Antônio Cruz de Araújo	Repositório da UFES
O des-lugar da pichação: uma escrita de resistência	2016	Priscila D. O. Queiroz	Repositório da UFES
Entre o autoral e a escrita coletiva: identidades, discursos e performances nas piXações urbanas	2017	Maria Carolina da Silva Araujo	Repositório da UFOP
Graffiti: Interações sociais através da semiótica visual	2017	Claudia Vasconcelos Baccile	Repositório da UNB
Paulo Leminski e a produção poética pós-moderna como resistência contracultural	2017	Carolina Goetten de Lima	Repositório da UTFPR
ENTRE RISCOS, NARRATIVAS E LEMBRANÇAS: esboço de uma memória coletiva da arte de rua em João Pessoa	2019	Thiago da Silveira Cunha	Repositório da UFP
Vozes que ressignificam além dos muros: análise discursiva de pichações em universidades	2019	Ana Carolina Bernardino	Repositório da UEL
Sentidos em circulação nas carroças do projeto “PIMP MY CARROÇA”: por uma análise discursiva	2021	Evelise Pereira da Silva	Repositório da UFSM
Inscritos e colagens nas celas das transexuais no complexo penitenciário Manoel Carvalho	2022	Geovaneide Santos dos Reis	Repositório da UFS

Neto (COPEMCAN): um estudo do <i>ethos</i> argumentativo			
--	--	--	--

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2022.

A primeira pesquisa, realizada em 2006, chamada “Comunicação e cultura – Relações (tensas) entre manifestações culturais periféricas e mídias: o caso HIP HOP” escrita por Cláudia Cristina Neves da Luz Borges não tem como foco principal no texto a prática do grafite, uma vez que se concentra na cultura HIP HOP de maneira geral. No entanto, coloca o grafite como uma forma de protesto mais visível. Nesse sentido, a autora fala sobre diversos aspectos desse tipo de texto, o seu percurso histórico e suas modificações e adaptações ao longo do tempo, chamando atenção para seu aspecto estético.

São contempladas características do grafite como as cores utilizadas, os lugares em que são realizados, de maneira que a autora afirma que a cidade é um espaço semiótico, cheio de signos, de maneira a estabelecer uma relação entre os confrontos e conflitos da cultura, a fim de contemplar os estudos de Lúcia Helena Ventrúsculo Possari (2006). Nesse sentido, vê-se que é uma pesquisa que discute muito o aspecto cultural e discursivo do grafite, sempre se apoiando nos estudos da Análise do Discurso Pecheutiana.

Como forma de continuar a discussão, vê-se a pesquisa produzida em 2012, por Rogerio Alves Oliveira, chamada “O desenho como inscrição e linguagem urbana: Pichação e Grafite em Alagoinhas-BA”. Trata-se de um estudo que selecionou cinco indivíduos para serem entrevistados, dentre eles pichadores e grafiteiros.

A reflexão se desenvolveu de modo a compreender a perspectiva de cada sujeito pesquisado, observando, assim, seus conhecimentos, suas práticas, seus caminhos e lugares que frequentam, evidenciando seus hábitos, ideais e atitudes. Nesse sentido, os sujeitos afirmam que as produções nos muros são tidas como uma ferramenta de luta e engajamento para uma luta direcionada às conquistas se seus espaços na sociedade.

Além disso, são abordadas outras questões sobre como o espaço das inscrições são selecionados. Os entrevistados discorreram sobre o fato dos lugares serem escolhidos pelo próprio autor da inscrição, bem como sobre a importância de seguir determinadas regras no momento da realização da prática, haja vista a proibição de invadir o espaço de outro grafiteiro, assim como fazer marcações em cima de um grafite já finalizado.

A pesquisa “O dualismo grafite vs pichação? Arte grafite, tagging, pichação e pixo”, produzida em 2015 por Marcos Antônio Cruz de Araújo, teve como objetivo “demonstrar como o dualismo grafite VS pichação é sistematizado para silenciar uma formação discursiva

complexa referente aos grafites na qual aparecem termos como grafite, tagging, pichação e pixo” (Araújo, 2015, p. 22).

Trata-se de um estudo que utiliza como fundamentação teórica as reflexões das áreas da Análise do Discurso, de modo a compreender o discurso e o sujeito que enuncia por intermédio do grafite, se apoiando nos estudos de Orlandi (2003). Além disso, aborda também os conceitos de signo e refração das teorias de Bakhtin (2006). Outro aporte teórico utilizado por Araújo foram as pesquisas de Angela Kleiman no que se refere à Linguística Aplicada.

É um trabalho que disserta bastante sobre como a AD é uma área que corrobora muito para a análise do grafite e todas as suas variações, uma vez que compreende valores culturais, técnicos e políticos. Além disso, proporciona a interpretação do sentido do discurso, uma vez que evidencia a materialização de ideologias e de uma formação discursiva.

No que tange à formação discursiva, o autor faz uso dos estudos de Fiorin (2007) que aborda a diferença entre formação discursiva (FD) e formação ideológica (FI) e como as duas podem ser aplicadas para se interpretar um grafite. Dessa forma, o autor age de modo a tratar o fato de que outras variações de inscrição, sem considerar o grafite e a pichação, também são disseminadores de ideologias, descrevendo, portanto, as diferenças entre todas as práticas e seus funcionamentos para que façam parte das intervenções ideológicas de uma sociedade.

Em 2016, foi realizado o estudo “O des-lugar da pichação: uma escrita de resistência”, desenvolvido por Priscila D. O. Queiroz. Tinha como objetivo

Desconstruir a visão marginalizada em relação à escrita resistente de pichação; incentivar a leitura e produção de textos poéticos; (Re)apropriar os espaços urbanos como possibilidade de visibilidade; Ampliar a percepção linguística, literária e cultural dos alunos pela observação e análise dos ambientes exteriores à escola (Queiroz, 2016, p. 84).

Trata-se de um estudo que se fundamenta nos estudos de Foucault (2007; 2009c; 2002; 1987; 2014^a; 1996^a; 2005^a) no que se refere às relações de poder, discurso e resistência, assim como Deleuze e Félix Guattari⁵² (2013^a; 1986; 1977; 1995^a; 1995b; 2012^a; 2012c; 1992) ao refletir sobre literatura considerada menor, ou seja, marginalizada.

Nessa pesquisa, a autora fala sobre como a pichação é uma prática que “estabelece uma interação social e configura uma luta política pelos discursos, como forma de inserir novas formas discursivas” (Queiroz, 2016, p. 14). A autora promove uma reflexão que pensa na prática do grafite não só como uma imagem, como também como a voz do *inscritor*

⁵² Considerado um dos fundadores do campo da esquizoanálise e ecosofia, conhecido pelas suas pesquisas em colaboração com Gilles Deleuze. Dentre os muitos temas estudados pelo pesquisador estão: psicanálise, produção de subjetividade e capitalismo mundial.

subjetivado, o discurso, a ação e a estratégia, de modo que sejam discutidas as relações de poder e as práticas de resistência.

Durante o ano de 2017, três dissertações foram escritas, em que a primeira foi produzida por Maria Carolina da Silva Araujo, chamada “Entre o autoral e a escrita coletiva: identidades, discursos e performances nas piXações urbanas”. É uma pesquisa que tem como objetivo “analisar as relações possíveis entre os conceitos de autoria, identidades, e os atos de fala presentes nas piXações urbanas e suas autoras e seus autores” (Araujo, 2017, p. 7).

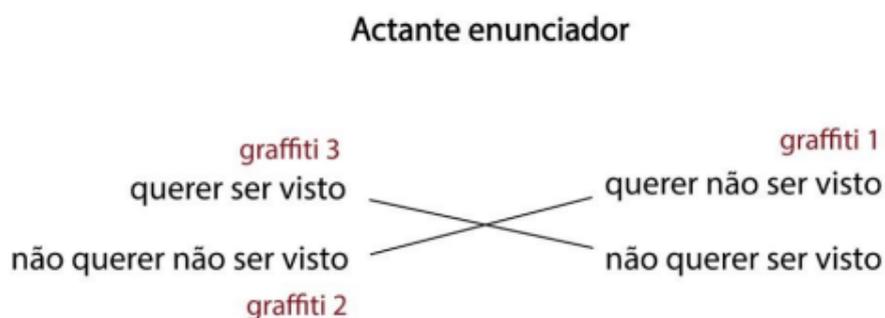
Para que a reflexão desta pesquisa se desenvolvesse, foram utilizados os estudos de diversos teóricos, tendo em vista, por exemplo, Foucault (2001) e Barthes (2004), de maneira a tratar sobre a dimensão discursiva e a morte do autor, respectivamente. Desse modo, a autor discute que não importa quem produziu o grafite, uma vez que, a partir dos conceitos de Barthes, o texto é produzido por uma visão dialógica na interlocução entre o autor e o leitor.

Para mais, o Foucault é referenciado nessa pesquisa a fim de tratar sobre identidade social do autor, já que o grafite é colocado como um texto marginalizado que tem seus meios de produção classificados como ilícitos. Nesse sentido, vê-se uma perspectiva de estudar as inscrições sobre os muros de maneira a refletir sobre aspectos citados pelo analista do discurso, como: modalidade de existência, circulação e valorização.

A dissertação, chamada “Graffiti: Interações sociais através da semiótica visual”, produzida por Claudia Vasconcelos Baccile, em 2017, teve como objetivo estudar a forma como se dá a relação entre o grafite e a sociedade em produções realizadas em São Paulo e em Brasília. De modo a promover a reflexão proposta, a autora faz uso dos conhecimentos desenvolvidos por Landowski (1992; 1996), de modo a compreender que no texto é possível observar um “eu” e um “tu” que produzem sentido.

Desse modo, a análise da autora realiza-se de modo a tratar sobre a relação entre grafite, enunciador e enunciatário, de maneira a refletir sobre como a prática do grafite pressupõe dois actantes, sendo eles o autor e o contemplador do grafite. Como forma de refletir sobre essa questão, a autora, a partir do quadrado semiótico, como o exemplificado pela Figura 32, promove diversas reflexões.

Figura 32 – Objeto de análise da pesquisa de Baccile (2017).



Fonte: Dissertação de Baccile, 2017.

Nesse sentido, Baccile (2017) traz três estágios do grafite, em que o primeiro não há o desejo pelo reconhecimento, o segundo trata-se de uma arte que quer ser exposta, de modo que o autor não deseja não ser visto. O terceiro, por sua vez, a partir dos ideais e valores tematizados no texto, tem o desejo de ser visto e reconhecido.

Desse modo, trata-se de uma pesquisa que pensa não somente nos processos de produção do grafite, como também de recepção, assim como o seu aspecto imanente, de maneira a ser observado o seu sentido, uma vez que são observadas as categorias cromática, eidética e topológica.

A pesquisa “Paulo Leminski e a produção poética pós-moderna como resistência contracultural”, escrita por Carolina Goetten de Lima e realizada em 2017, tem como objetivo discutir o mundo atual sob as produções do movimento hippie, da mídia, da poesia, dos grafite e da cibercultura. Desse modo, observa-se que o grafite não é o objeto de estudo central da análise, mas é incorporado em um grupo que o coloca como um tipo de texto que possibilita compreender o mundo.

Diante disso, trata-se de uma pesquisa que se utiliza dos conhecimentos de Karl Marx⁵³ (1986) e, principalmente de Paulo Leminski⁵⁴ (2012), uma vez que o primeiro visa uma abordagem de fundamentação marxista, leninista, feminista e afetista, abordando assim, uma perspectiva de mudanças revolucionárias a partir da compreensão da influência do capitalismo nas produções dos objetos analisados. O segundo autor é referenciado também para abordar os modos como o capitalismo é criticado pelos textos selecionados nesta reflexão, bem como as maneiras pelas quais as produções marginalizadas evidenciam um discurso revolucionário.

⁵³ Filósofo e revolucionário socialista. Autor do “Manifesto Comunista”, junto do Friedrich Engels, além de “O Capital”.

⁵⁴ Escritor brasileiro influenciado pelos poetas concretistas. Ativista, trotskista e simpatizante da Organização Socialista Internacional.

Foi produzida, em 2019, a pesquisa “Entre Riscos, Narrativas e Lembranças: esboço de uma memória coletiva da arte de rua em João Pessoa”, escrita por Thiago da Silveira Cunha. Ela foi realizada com o intuito de “tecer uma narrativa coletiva acerca da memória da arte de rua em João Pessoa” (Cunha, 2019, p. 14).

Assim como a pesquisa de Cruz (2017), realizada na UFBA, que teve como aparato metodológico a etnografia, incluindo também a antropologia visual e a história oral. Além disso, fez uso dos estudos de Deleuze e Guattari (1971), de modo a compreender como interpretar um grafite, em que há uma manifestação de discursos através de códigos e leituras de mundo.

A história oral foi abordada de modo que o pesquisador realizou entrevistas com grafiteiros e pichadores falando sobre a prática realizada por eles, de maneira a tratar, portanto, do tipo de material, a performance e o texto em si. Sendo assim, as questões abordadas nas entrevistas foram com relação ao traço do artista, quais assinaturas já usaram, e as mensagens que queriam passar. Como forma de analisar os relatos dos entrevistados, o pesquisador faz uso das teorias de Michel de Certeau⁵⁵ (1998), refletindo, portanto, sobre as dinâmicas do cotidiano e suas práticas.

Foi realizada a análise com um pichador muito conhecido na cidade de João Pessoa, que já assinou produções com diferentes nomes, dentre eles “Gigabrow, Monolúcido e Gigabrow-Monolúcido”. Uma questão interessante a ser abordada é que o seu tipo de produção variava com a sua assinatura, em que o Gigabrow não tinha um estilo estabelecido de traço e nem de cores, segundo ele, era desenhado qualquer coisa. O Monolúcido, por sua vez, fazia o papel de uma pessoa lúcida, como esboçava no seu nome, em que suas inscrições eram marcas por críticas sociais.

Ainda em 2019, outra dissertação foi realizada, chamada “Vozes que ressignificam além dos muros: análise discursiva de pichações em universidades” e produzida por Ana Carolina Bernardino. Foi um estudo que teve como objetivo principal “Estudar os discursos das pichações e a ideologia presente nessa forma de expressão, refletindo, principalmente, a respeito das condições de produção nas quais estão inseridos.” (Bernardino, 2019, p. 18).

Esta pesquisa tem como abordagem teórica a Análise do Discurso Francesa, baseando-se, principalmente, nos estudos de Orlandi (2015) e Pêcheux (2002), de modo a propor análises baseadas nos aspectos ideológicos e condições sócio-históricas de produção e circulação dos textos.

⁵⁵ Pesquisador muito influente nos seguintes temas: teoria da história, estudo das práticas sociais e multiplicidades cultural.

Nesse sentido, a autora da pesquisa traz alguns exemplos de pichações, como evidenciado pelo Figura 33:

Figura 33 – Objeto de análise da pesquisa de Bernardino (2019).



Fonte: Dissertação de Bernardino, 2019

A partir dos exemplos fica evidente que se trata de uma pesquisa que observa as relações de sentido entre o discurso urbano e o discurso político que estão presentes nas inscrições realizadas na universidade. Para que isso seja compreendido, a autora pensa na realidade de enunciação, de modo a refletir sobre as relações que possibilitam o discurso.

A cena de enunciação tem sua identificação através dos dêiticos que estão presentes no interior do enunciado. Para explicar esse tipo de análise a autora faz uso dos estudos de Dominique Maingueneau⁵⁶ (2006; 2011), que trata sobre a cena englobante, genérica e a cenografia.

Ainda para tratar da enunciação, Bernardino (2019) utiliza como aporte teórico os conhecimentos de Émile Benveniste⁵⁷ (1989), tratando do sujeito no centro da linguagem, assim como a noção de subjetividade, pensando sobre o eu e o outro. Para completar esse estudo, foi utilizado ainda a teoria do dialogismo, fundada por Bakhtin, de modo a compreender que os significados e os sentidos são produzidos dialogicamente. Sendo assim, vê-se que é uma pesquisa que faz uso de muitos estudos de teóricos diferentes para dar conta de analisar o discurso produzido pelas inscrições.

⁵⁶ Professor da Universidade de Paris IV Paris-Sorbonne. Atua como pesquisador na área da linguística e da análise do discurso, de modo a tratar da indissociabilidade entre o texto e aspecto social da sua produção e circulação.

⁵⁷ Foi professor no Collège de France e pesquisador muito influente no desenvolvimento da Linguística da Enunciação. Foi um pesquisador que propôs uma análise da linguagem que incorporava noções de sujeito, discurso, e enunciação

A dissertação realizada em 2021, “Sentidos em circulação nas carroças do projeto “PIMP MY CARROÇA”: por uma análise discursiva”, escrita por Evelise Pereira da Silva, teve como objetivo compreender como os discursos de crítica social do sujeito-catador são textualizados e veiculados por suas carroças de catador de materiais recicláveis.

Trata-se de um estudo que se apoia no mesmo projeto que o artigo “O espaço urbano, o grafite a identidade do sujeito catador” estuda, chamado “*Pimp my carroça*”, que tem o intuito de promover a valorização da profissão de catador e engajar a sociedade.

A análise presente na dissertação realizada por Silva (2021) faz uso de aparatos teórico-metodológicos da Análise do Discurso Francesa, de modo a contemplar os estudos de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, utilizando os conceitos de “discurso, ideologia, língua, sujeito, memória, historicidade, formação ideológica e formação discursiva” (SILVA, 2021, p. 18).

A dissertação de mestrado realizada por Reis (2022), chamada “Inscritos e colagens nas celas das transexuais no complexo penitenciário Manoel Carvalho Neto (COPEMCAN): um estudo do *ethos* argumentativo”, evidenciou uma reflexão acerca das inscrições feitas nas celas de uma penitenciária, analisando *ethos*, de maneira a

revelar valores, crenças e expectativas presentes nos discursos de transexuais encarceradas, além de refletir sobre os estigmas que alimentam o preconceito de gênero, reforçam a exclusão de grupos minoritários e fomentam a criminalidade (Reis, 2022, p. 4).

Essa reflexão da pesquisa pode ser vista na Figura 34, em que fica evidente, por exemplo, a religiosidade presente nas inscrições nas paredes da penitenciária. Além dessa tematização, a autora traz também questões de respeito, nome social, celebridades e familiar.

Figura 34 – Objeto de análise da pesquisa de Reis (2022).



Fonte: Dissertação de Reis, 2022.

Trata-se de um estudo que visou abordar as teorias da Argumentação Discursiva e da Retórica, abordando pesquisadores como Erving Goffman⁵⁸ (2017), Aristóteles⁵⁹ (2005), Maingueneau (2006), dentre outros. A autora constatou que as práticas das mulheres transexuais agiam como uma forma de dar voz e conseguir a atenção por parte dos funcionários, assim como do sistema prisional da cidade – hegemonicamente heterossexual – fazendo com que suas mensagens de causas sociais e crenças fossem ouvidas, de modo a modificar o seu *ethos*, que antes era uma pessoa pecadora – primeiro pela sua identidade de gênero e pelo crime que foi cometido – para um *ethos* que é considerado positivo.

Dessa maneira, constata-se que 10 dissertações foram produzidas desde o ano de 2012 até o momento atual. Evidencia-se assim, pesquisas na área da Semiótica e, sobretudo, da Análise do Discurso.

Quadro 11 – Sistematização de teses – teorias do discurso

NOME	ANO	PESQUISADOR(A)	BASE DE DADOS
Análise do discurso da resistência mossoroense ao ataque de Lampião	2015	Edgley Freire Tavares	Repositório da UFRN
Inscrições urbanas: abordagem semiótica	2016	Thiago Moreira Corrêa	Repositório da USP

⁵⁸ Foi professor de Antropologia e Sociologia da Universidade da Pensilvânia. Atuou como pesquisador nos estudos da interação social cotidiana, tendo como principais conceitos “estigma”, “identidade social” e “papeis sociais”.

⁵⁹ Filósofo da Grécia Antiga que abordou diversas áreas do conhecimento, dentre elas a retórica, a lógica, a metafísica, a ética, a economia, a política, dentre outras.

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2022

Tavares publicou uma tese no ano de 2015, intitulada “Análise do discurso da resistência mossoroense ao ataque de Lampião”, que teve por finalidade descrever e analisar o discurso de resistência relacionado ao grupo de Lampião utilizando as reflexões teóricas metodológicas da Análise do Discurso Francesa, dessa forma, um dos pesquisadores mais utilizados neste estudo foi Michel Foucault (2007).

Não se trata de um estudo que tem o grafite como objeto de estudo principal, uma vez que diversas práticas de resistência são abordadas e dentre elas está esse tipo de inscrição sobre os muros. Como forma de estudar as inscrições sobre os muros, o autor aborda exemplos como a representação da Figura 35:

Figura 35 – Objeto de análise da pesquisa de Tavares (2015).



Fonte: Tese de Tavares, 2015.

No que se às inscrições, Tavares (2015) coloca os grafites diante da perspectiva de que:

o grafiteiro é um sujeito que se significa ao significar o social, alguém que não desfruta de espaços hegemônicos de expressão e que enuncia de outro lugar, e se inscrevem e expressam sua arte em outros suportes, geralmente em pontos periféricos na cidade, efetuando nisso uma enunciabilidade metafórica, um deslize da letra e da imagem” (Orlandi, 2004 *apud* Tavares, 2015, p. 163).

Nessa tese, o autor afirma que o grafite é “um verdadeiro hibridismo de significantes”, uma vez que há diversos aspectos a serem analisados como as formas, as cores, as textualidades, assim como as temáticas (Tavares, 2015, p. 163).

A tese “Inscrições urbanas: abordagem semiótica”, produzida por Correa (2016), trata-se de um trabalho já mencionado nesta dissertação, uma vez que é produzido pelo autor

de um dos artigos inseridos na área da semiótica. É um estudo que traz um percurso histórico da prática do grafite e da pichação, descrevendo as suas variações e como elas surgiram.

Trata-se de uma pesquisa que aborda as normas e os valores das **inscrições urbanas**⁶⁰ – pensando nos processos endógenos e exógenos; observando, também, a relação entre o enunciador e o enunciatário –, a relação entre os planos da linguagem – colocando-o como um texto de caráter semissimbólico –, assim como a escolha e as mudanças no suporte das inscrições – em que o lugar onde o texto se apresenta também é um aspecto que produz significação.

Para analisar esses aspectos, Correa (2016, p. 164) aborda a cena enunciativa e o texto, em que ele afirma se mostrar como transcendência e imanência, em que o suporte funciona como um mediador entre esses dois campos. A reflexão da tese se deu de maneira a contemplar a prática, o texto e o objeto. Desse modo, faz uso dos estudos de Dondero e Reyes-Garcia (2016), Fontanille (2005, 2015), Fiorin (2008), Greimas (1983; 2002), Louis Hjelmslev⁶¹ (2016), Claude Zilberberg⁶² (2012) e tantos outros pesquisadores no que se refere aos estudos da construção de sentido no texto. Além disso, ao tratar da enunciação, ele aborda sobre como o nível do objeto ou da prática se configuram nessa instância. Para mais, reflete também sobre como esse conceito se faz presente na discussão de suporte formal e material, bem como nos níveis de pertinência.

Sendo assim, como conclusão da pesquisa, Correa (2016) afirma que os conceitos de transcendência e imanência de Hjelmslev (2006) são essenciais para compreender a prática do grafite. Ademais, produziu uma reflexão que possibilitou perceber que entender a história da prática do grafite é essencial para analisar o objeto.

Diante das teses encontradas sobre o grafite, observa-se que frente aos estudos discursivos essa é a modalidade que menos produziu pesquisas, uma vez que outras modalidades, como artigo e dissertação, as reflexões sobre o grafite se faziam muito mais presentes. Ainda assim, foi encontrado um estudo a mais em nível de doutorado do que na área dos estudos textuais.

⁶⁰ Expressão utilizada por Correa (2016) para denominar a prática de escrever sobre os muros, abrangendo todas as suas variações de inscrição.

⁶¹ Pesquisador que fundou o Círculo Linguístico de Copenhague. Com Hans Jorgen Uldall, desenvolveu a teoria glossemática, que permitiu desenvolver a teoria semiótica.

⁶² Pesquisador muito influente da semiótica tensiva. Elaborou a semiótica das paixões, ao lado de Greimas e Fontanille.

3. O GRAFITE DO PONTO DE VISTA DA SEMIÓTICA DISCURSIVA

O presente trabalho faz uso dos estudos da Semiótica Francesa, desenvolvida por Algirdas Julien Greimas (1917-1992) e seus colaboradores, para analisar o modo como o grafite foi abordado dentro do discurso científico, de forma a se preocupar com a compreensão do texto e do discurso. Segundo Barros (1999) a semiótica “procura descrever e explicar **o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz**” (p. 11, grifo da autora).

A partir da proposta da presente pesquisa, vê-se que a análise não se detém aos textos inscritos nos muros, mas às pesquisas que contemplam esses tipos de textos para construir uma reflexão. O objetivo desse trabalho se concentra em analisar a forma como esses estudos são realizados e quais aspectos e características são utilizados, assim como quais teorias e metodologias são empregadas, sobretudo na área da semiótica.

De início, tendo os estudos da semiótica discursiva em mente, é possível selecionar diversos conceitos e teorias dessa ciência que permitem uma análise de textos como o grafite. Destacam-se, por exemplo, a noção de semissimbolismo, sincretismo, práticas semióticas, suporte, percurso gerativo de sentido, dentre outros. Nesse sentido, muitos teóricos poderiam ser utilizados para uma reflexão como essa, sendo estes os colaboradores da semiótica greimasiana, como Jacques Fontanille, Jean-Marie Floch, Norma Discini, Maria Giulia Dondero, Antonio Vicente Pietroforte e muitos outros.

Diante disso, vê-se que a semiótica discursiva dispõe de muitos aparatos teórico-metodológicos para analisar o grafite semioticamente. No entanto, a partir das pesquisas e do estudo levantado por este trabalho, constatou-se que essa área da ciência destinou muito pouco seu ponto de vista para objetos como este, de modo que uma reflexão se tornou necessária frente a essa constatação.

4.1 Análise da utilização da semiótica nos discursos científicos para estudar o grafite

O grafite é um tipo de texto que foi analisado por diversas áreas do meio acadêmico. No entanto, por mais que tenham sido selecionadas diversas pesquisas em diferentes bases de dados das universidades e revistas brasileiras para compor a presente reflexão, as inscrições sobre os muros não foram amplamente estudadas pelas áreas das ciências da linguagem, sobretudo pelo olhar da semiótica discursiva.

Nesse sentido, este trabalho, utilizando o método da historiografia, busca contar a história do objeto grafite através da teoria, ou seja, compreender a relação da semiótica com

esse tipo de texto, de modo a refletir sobre o **princípio de imanência** e, por vezes, o **princípio de contextualização** (KOERNER, 1996).

Além disso, torna-se importante evidenciar do que se trata uma pesquisa historiográfica, em que há uma reflexão a partir dos modos pelos quais o conhecimento é produzido, desenvolvido, bem como disseminado e compreendido, como aponta Altman (2009).

Como pesquisa semiótica têm-se as seguintes produções – que foram elencadas a partir da sistematização feita no capítulo dois:

1. *Análise semiótica do Mural d'os Gêmeos em parceria com Blu na Avenida Fontes Pereira de Melo, em Lisboa* (artigo - 2014);
2. *Do spray aos pixels: um estudo semiótico sobre a ciberculturalização do Graffiti* (artigo - 2008);
3. *Graffiti: Interações sociais através da semiótica visual* (dissertação - 2017);
4. *Inscrições urbanas: abordagem semiótica* (tese - 2016);
5. *Leitura semiótica do grafite na cidade do Rio de Janeiro* (monografia - 2022);
6. *Mudanças de suporte na história das inscrições urbanas* (artigo - 2022);
7. *O grafite como linguagem da cidade: um estudo da comunicação a partir das interferências do espaço urbano na manifestação do grafite na cidade de Manaus* (monografia - 2011);
8. *Por trás do editorial: um estudo semiótico sobre o ator manifestante de rua* (artigo - 2018);

No entanto, apenas as pesquisas 3, 4, 5, 6 e 8 fazem uso dos estudos inseridos na área da semiótica discursiva, que foram encontrados nas bases de dados da UNB, USP, UFRJ, Revista Estudos Semióticos e Revista Estudos Linguísticos, respectivamente. Além disso, nesses estudos da semiótica discursiva, no que se refere aos anos de realização, constata-se que a primeira pesquisa foi realizada no ano de 2008 e a última em 2022. Dessa forma, torna-se necessário evidenciar que o grafite ficou sem ser contemplado pelas análises semióticas, uma vez que o grafite, como abordado pela descrição da história desse texto no capítulo um desta dissertação, surgiu em 1968, na França e em Nova York. Ademais, é preciso considerar também que os estudos da semiótica discursiva, direcionados à análise do plano da expressão, juntamente com o plano do conteúdo, tiveram forte início no final da década de

1970, começo de 1980. Sendo assim, revela-se que o grafite é um texto que ficou em média 38 anos sem ser aludido pelos estudos da semiótica greimasiana.

Por mais que o grafite tenha começado a ser investigado pela área da semiótica em 2008, não se vê uma recorrência da consideração desse objeto pela teoria, já que 2009, 2010, 2012, 2013, 2015, 2019 e 2020 são anos que não revelaram pesquisas sobre o grafite, e o único período em que há mais de uma pesquisa é 2022. Sendo assim, é possível afirmar que o grafite ainda é colocado como um texto marginalizado não somente do ponto de vista de sua recepção por parte da sociedade, como também da apreensão dos discursos científicos.

Diante dos estudos semióticos observa-se que textos como o grafite demoraram a ser analisados por essa ciência, uma vez que, de acordo com Fontanille (2005, p. 2), perante as teorias da semiótica tradicional, os pesquisadores, principalmente os instruídos por Greimas, se debruçavam essencialmente nas análises da estrutura do conteúdo. No entanto, frente às análises que estavam sendo realizadas, ficou perceptível que esse era um obstáculo a ser superado, de modo que as características visuais começaram a ser contempladas nas reflexões propostas pelas teorias semióticas.

Nesse sentido, é essencial compreender que a semiótica nem sempre se ateuve à categoria plástica dos textos de modo a considerar esses aspectos como inerentes à produção de sentido dos textos, prática esta fundamental para análise do grafite. Diante disso, no desenvolvimento dessa área da ciência – a semiótica – observa-se a preocupação com a prática de buscar conhecer uma modalidade de linguagem, a princípio entendida como de sujeitos atores sociais pertencentes aos grupos marginalizados. A categoria plástica é considerada pelos estudos semióticos desde o final dos anos 1970, mas os objetos considerados eram outros. Floch, o principal colaborador nos estudos sobre a plasticidade dos textos era publicitário, portanto, tinha um olhar mais direcionado para esse campo. Outros pesquisadores, interessavam-se por um corpus considerado mais artístico, como pintura, escultura, arquitetura etc. Desse modo, o olhar mais elitizado pode ter sido um entrave à escolha do objeto.

Além do aspecto do desenvolvimento da teoria semiótica, é importante ressaltar que uma outra justificativa para o grafite não ter sido tão analisado pelos discursos científicos é o período em que ele começou a ser produzido e circulado, pensando, nesse momento, nas produções francesas e novaiorquinas. Nesse sentido considera-se fatores socioeconômicos, uma vez que o mundo estava passando por um momento de pós-guerra, em que deve ser considerada a existência de gangues e grupos revolucionários, fruto de comportamentos

sociais praticados por aqueles que de algum modo transgridem as normas impostas pela conduta a ser seguida por ferramentas de controle do Estado.

Por conseguinte, vê-se que a prática do grafite é um exercício de manifestação dos sujeitos atores taxados de marginais diante do sistema que os oprime. Nesse sentido, essas formas de expressão circulam através dos tempos e das culturas e passam a ser analisados como forma de entender a materialização de discursos de crítica e revolução.

Além disso, é preciso considerar também as mudanças inerentes às inscrições, uma vez que os processos de modificação da prática fizeram com que a visibilidade desse texto fosse transformada. Nesse viés, nota-se que a imanência das manifestações do grafite passou por transformações no plano de expressão, em que passaram dos metrô para as paredes de espaços públicos e privados, ou seja, esses elementos da cultura continuam existindo, mas agora visualizado por diferentes classes sociais de uma sociedade. Ademais, houve também uma evolução nas ferramentas de produção do grafite e da profissionalização como reconhecimento público e artístico de uma classe social, fazendo com que esse tipo de texto ganhasse mais visibilidade.

Ainda sobre o aspecto da época em que os trabalhos são produzidos é intrigante pensar sobre o primeiro ano de um estudo sobre o grafite – 2008 –, uma vez que coincide com o ano que Fontanille publica sua obra “Práticas Semióticas”. Sendo este ano o mesmo da publicação do trabalho intitulado “Do spray aos pixels: um estudo semiótico sobre a ciberculturalização do Graffiti” que, por mais que utilize como base teórica a semiótica peirciana, é uma referência que se torna fundamental para este estudo, uma vez que é a partir desse ano que as pesquisas sobre esse tipo de texto começam a ser desenvolvidas. Observa-se, portanto, que as pesquisas 4, 6 e 8, ou seja, 3 de 5 pesquisas mencionam as teorias de Fontanille, citado de maneira a contemplar justamente o conceito de práticas semióticas, os níveis de pertinência e a produção de sentido nos textos.

Desse modo, Fontanille (2008), ao estudar os conceitos supracitados, afirmou que não é possível pensar em uma análise semiótica que dispense as significações culturais, sendo assim, ao considerar o grafite como objeto de estudo, é preciso refletir também sobre como esse tipo de texto se apropria dessas significações. Assim, compreender um objeto do ponto de vista das práticas semióticas é ponderar sobre os elementos fundamentais para construir e interpretar sua significação.

Na perspectiva de destacar os teóricos utilizados nos estudos semióticos, observa-se que os estudos de Landowski também aparecem em mais de uma pesquisa, sendo elas a 3 e a

8, que versam sobre a questão dos sujeitos da enunciação, assim como das práticas argumentativas. Além deste pesquisador, Fiorin também é um estudioso comum a duas pesquisas – 4 e 8 – de modo a tratar sobre categorias que permitem compreender a produção de sentido no grafite, assim como a actorialização como componente da discursivização nesse tipo de texto. Para mais, é possível aproximar as reflexões trazidas por estes dois teóricos, uma vez que ambos tratam sobre os actantes presentes no texto.

Outros pesquisadores que são referenciados em mais de um trabalho são Dondero e Reyes Garcia, uma vez que são utilizados para tratar do conceito de suporte e o modo como esse conceito é fundamental nas análises do grafite, já que o lugar em que as inscrições são feitas influencia diretamente na sua produção de sentido. Esse aspecto pode ser atribuído ao fato de que ambas as pesquisas – 4 e 6 – foram realizadas pelo mesmo autor.

De modo a complementar essa reflexão dos estudiosos utilizados pelas pesquisas sistematizadas nesta dissertação evidencia-se pesquisadores que, por mais que não estejam presentes em mais de um trabalho, estabelecem relação com outros que são citados. Fica evidente que todas as pesquisas da semiótica discursiva tratam das teorias fundadas por Greimas, por exemplo. Além disso, os estudos de Gomes, Fiorin, Hjelmslev, Dondero, Barros, Reyes-Garcia estão em concordância com os estudos de Greimas. Do mesmo modo que Mancini faz referência aos estudos de Zilberberg.

Ao considerar a relação entre todas as pesquisas realizadas dentro da semiótica discursiva, existem alguns pontos que são comuns entre todas as análises realizadas, tendo em vista, por exemplo, que todas elas consideraram o princípio de imanência do grafite em suas reflexões, em que são observados diversos aspectos. Por vezes são consideradas as características visuais das produções inscritas nos muros, tendo em vista as cores, formas, proporção do espaço que ocupa no suporte e até mesmo em qual suporte o grafite se encontra. Sendo assim, fica evidente que todas as produções fazem uso das categorias cromáticas, eidéticas e topológicas, ainda que não referenciem esses conceitos.

Outro ponto a ser considerado que é comum nas pesquisas contempladas na presente reflexão trata-se do fato de todas elas considerarem um actante produtor e, sobretudo, um actante observador, ou seja, um enunciador e um enunciatário das inscrições. Isso acontece, pois todas elas se questionam sobre o sentido que as produções têm diante da sociedade, ou seja, quais mensagens são passadas e de que forma o texto faz para dizer o que diz.

Logo, ao tratar dos sentidos produzidos nas inscrições, constata-se a prática de observar a maneira como esses sentidos se manifestam, em que são observados os elementos

visuais utilizados nos grafites, assim como seus significados na configuração textual. Sendo assim, vê-se que os conceitos de figuratividade e tematização são essenciais para compreender de que modo os sentidos são construídos no grafite, assim como as noções de plano da expressão e plano do conteúdo, em que ambos, considerados em conjunto, são indispensáveis para se analisar esse tipo de inscrição.

As outras pesquisas analisadas pela presente dissertação, que visam uma análise semiótica, se utilizam dos estudos da semiótica de Peirce, de modo que as reflexões são construídas de outra forma. Por isso, neste capítulo são analisados principalmente os estudos da semiótica discursiva, desenvolvida por Greimas e seus colaboradores, para que, assim, possa ser possível determinar como foi e como deve ser analisado um grafite diante do aporte teórico desta disciplina.

Além disso, de modo a complementar essa reflexão, todos esses trabalhos, ainda que sejam de áreas diferentes, foram essenciais de serem lidos e descritos, uma vez que é possível perceber neles aproximações de estudos semióticos, mas que se apoiam nas teorias de outras ciências, como, por exemplo, pesquisas da Análise do Discurso, em que o grafite é utilizado nas escolas. Nestas reflexões é possível observar análises temáticas e figurativas do grafite.

Refletir sobre as pesquisas que utilizam as teorias da área da Análise do Discurso é importante, pois são muito mais recorrentes dentro dos discursos científicos e a primeira pesquisa foi realizada em 2006. Sendo assim, é uma área que dispõe de uma fluência maior que a semiótica diante de análises do grafite.

Desse modo, os percursos transcorridos até o momento conduzem a uma reflexão sobre o conjunto de trabalhos realizados sob o ponto de vista de diversos estudiosos em suas análises, de maneira que se observa que todos os pesquisadores estavam em uma narrativa de busca de conhecimento e compreensão do objeto valor grafite, exemplificado sobre a sua imanência e suas formas de expressão. Além disso, acompanhar os estudos acerca do objeto em uma determinada área da ciência é estar atento também ao desenvolvimento da própria ciência, de modo a compreender os desenvolvimentos dos conceitos e das ferramentas que possibilitam estudar diferentes tipos de objetos.

Nesse sentido, é preciso considerar como as outras pesquisas, mesmo que fora da área da semiótica, fazem uso de conceitos que se aproximam de uma semiótica discursiva, a fim de proporcionar possibilidades de análises de outros tipos de textos mais contemporâneos dentro dessa área, evidenciando como os avanços se constroem. Diante dessa observação constata-se

que o grafite, texto enunciado de tipo sincrético, requer objetivos de pesquisa mais complexos e contemporâneos e a semiótica, nos seus primórdios, não se ocupava desses objetos.

A pesquisa 7, que não faz parte dos estudos da semiótica discursiva, por exemplo, evidencia aspectos que podem ser incorporados a uma análise dessa área, uma vez que traz conhecimentos de Lotman, que trata da construção de uma enunciação, bem como da relação entre o texto, sua produção e sua circulação como forma de atribuir sentido ao texto.

Uma outra pesquisa que não se insere nos estudos semióticos, mas que faz referência a conhecimentos dessa área chama-se “Entre o autoral e a escrita coletiva: identidades, discursos e performances nas piXações urbanas”, escrita em 2017. Neste estudo a autora traz uso dos estudos de Barthes, de maneira a refletir sobre a forma como o grafite se constrói de modo a produzir sentido.

Sendo assim, tratar de pesquisas em diferentes áreas possibilita que vários diálogos sejam estabelecidos considerando os corpúsculos selecionados, as teorias e as metodologias empregadas para desenvolver as análises. Dessa maneira, o processo de descrição de estudos que já foram realizados viabiliza pesquisas que possuem um caráter historiográfico e que visa compreender o modo como um objeto foi contemplado pela ciência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como forma de solucionar a problemática da presente pesquisa – *O grafite é um texto contemplado pelas análises das ciências da linguagem? E, se sim, diante de quais categorias teórico-metodológicas esses estudos são realizados? Além disso, quais os subsídios da semiótica para abordar e pesquisar esse tipo de texto?* – foram reunidos diversos estudos que versavam sobre o grafite no sentido de compreender seus aspectos, sejam eles linguísticos, sociais, culturais, artísticos, políticos entre outras diversas particularidades.

Este trabalho visou, portanto, realizar um estudo historiográfico acerca dos estudos sobre o grafite no Brasil, tendo em vista, sobretudo, os estudos das áreas da linguagem e, principalmente, da semiótica. Além disso, tornou-se importante também pensar sobre como trabalhos científicos de outras áreas fizeram uso de estudos linguísticos para incorporar às análises, de modo que pudéssemos verificar como o grafite pode ser visto como um código linguístico e linguageiro pelos discursos científicos.

Sendo assim, foram abordados os objetivos das pesquisas selecionadas, assim como um pequeno resumo da reflexão proposta, de modo que fosse possível ter uma exposição de quais tipos de pesquisas são feitas acerca do grafite dentro das áreas das ciências da linguagem, mobilizando quais os aspectos teórico-metodológicos adotados. Tal prática possibilitou observar como a ciência se apropriou do grafite enquanto objeto de estudo e que tipos de avanços à discussão científica essas análises promoveram. A partir disso, foi possível compreender quais foram as categorias, os elementos e os processos metodológicos empregados nos estudos realizados sobre o grafite.

Por conseguinte, notou-se que o grafite é amplamente estudado pelos discursos científicos. No entanto, em relação à quantidade de pesquisas existentes, cujo objeto de análise é o grafite e suas variações, as áreas das ciências da linguagem não possuem uma grande dimensão, sobretudo na área da semiótica, uma vez que a maior parte dos trabalhos selecionados se inserem na área da Análise do Discurso. Nesse sentido, ficando evidente que o grafite se encontra como um tipo de texto, e prática, marginalizado não somente do ponto de vista da recepção da sociedade como também ao ser considerado como objeto de estudo das áreas das ciências da linguagem.

O levantamento de trabalhos que discorrem sobre o grafite possibilitou que diversas reflexões fossem realizadas. Essas análises foram possíveis a partir da utilização de uma metodologia historiográfica, em que os estudos selecionados foram apresentados, descritos e analisados, de maneira a compreendê-lo a partir do seu princípio de imanência.

Com o recenseamento realizado foi possível verificar que apenas oito trabalhos foram realizados dentro das áreas que se preocupam com as teorias do texto, enquanto 28 estudos foram concluídos utilizando as teorias do discurso. Nessa perspectiva, surge a incerteza se mais pesquisas foram produzidas, uma vez que foi observado que muitos repositórios de diversas universidades não se encontravam disponíveis, ainda estavam em construção ou não foram encontrados.

Em vista disso, nota-se uma dificuldade de traçar uma cobertura temporal que relacione os estudos do grafite com a semiótica, em razão de não ser possível selecionar as pesquisas que foram realizadas acerca desse objeto e que não estão disponíveis nas plataformas digitais. Essa se torna uma limitação dos resultados encontrados, já que o primeiro trabalho abordado na presente dissertação é de 2008. Em contrapartida tem-se o início da semiótica nos anos de 1970, de maneira que, de acordo com as pesquisas encontradas surge o questionamento se essa ciência ficou de fato quase 30 anos sem abordar o grafite em suas análises.

As pesquisas selecionadas para a análise da dissertação foram categorizadas entre as que se encontram dentro das teorias do texto e das teorias do discurso. Diante disso, observa-se que é possível verificar uma elucubração de um *ethos* dos estudos do texto e dos estudos do discurso, em que no primeiro caso trata-se, em sua maioria, da produção e da estrutura em aspectos de língua dos grafites, enquanto no segundo vê-se também aspectos da produção, mas existe também um direcionamento para reflexões a partir da circulação e recepção das inscrições, assim como a questão da prática e o modo como isso manifesta uma figurativização e tematização da vida em sociedade.

Sendo assim, construir uma narrativa do modo como um objeto foi analisado diante de um ponto de vista científico possibilita que seja feita uma análise historiográfica da própria ciência. Fica evidente, portanto, quais são os aparatos teórico-metodológicos que uma área dispõe para que determinados objetos sejam analisados, como foi realizado com o grafite ao longo dessa dissertação.

Por conseguinte, observa-se que a semiótica dispõe de muitos conceitos para analisar o grafite. No entanto, esse tipo de análise ainda se mostra muito insuficientemente explorada por essa área, de maneira que essa dissertação contribui para que trabalhos que queiram investigar o grafite saibam em que ponto esse objeto se encontra diante do olhar dos discursos científicos.

REFERÊNCIAS

- ABARCA, Javier. Perguntas sobre el graffiti: ¿Fue Taki 183 realmente el primer grafiteiro? **Urbanario**, 24 fev. 2015. Disponível em: <<https://urbanario.es/en/preguntas-sobre-el-graffiti-fue-taki-183-realmente-el-primer-grafitero>> Acesso em 26 out. 2022.
- ALTMAN, Cristina. **A guerra fria estruturalista: estudos em historiografia linguística brasileira**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.
- ALTMAN, Cristina. **A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)**. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 1998.
- ALTMAN, Cristina. **Retrospectivas e perspectivas da historiografia da lingüística no Brasil**. Revista argentina de historiografía lingüística, I, 2, 115-136, 2009.
- ALVES, Luana Santos. **Abrindo as portas: o que entra nos grafitos de banheiro? Um estudo comparado dos grafitos de banheiro**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal da Bahia. Salvador, BA, 2014.
- ALVES, Marcela Ferreira. **O RAP É O ARGUMENTO: Cultura Periférica e atividades argumentativas no nono ano de escola pública de Salvador - BA**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. 223 p. Salvador, BA, 2018.
- ARANTES, Rita de Cássia Bastos; ALMEIDA, Maria Clotilde. Figurações multimodais com bandeiras nos grafites de Banksy: a arte como protesto sociopolítico. **Signo**, v. 44, n. 79, p. 86-95, 2019.
- ARAÚJO, Marcos Antônio Cruz de. **O dualismo grafite vs pichação? Arte grafite, tagging, pichação e pixo**. Dissertação de Mestrado. 110 p. Universidade Federal do Espírito Santos. Vitória, ES. 2015.
- ARAUJO, Maria Carolina da Silva. **Entre o autoral e a escrita coletiva: identidades, discursos e performances nas piXações urbanas**. 2017. Dissertação de Mestrado. 127 p. Universidade Federal de Ouro Preto. Minas Gerais. 2017.
- ASSUMPCÃO, Gleice Aparecida. **As representações sociais do RAP brasileiro na mídia regional da cidade**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Brasília. 295 p. 2009.
- BACCILE, Claudia Vasconcelos. **Graffiti: interações sociais através da semiótica visual**. 2017. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília. Brasília. 154 p. 2017.
- BAHIA, Dora Longo. Por uma arte revolucionária independente. **Aurora**., v. 13, n. 38, p. 94-108, 2020.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. 1ª ed. São Paulo. Atual Editora, 1988.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. Ed. Ática, 1999.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **Introdução à historiografia da linguística**. São Paulo: Cortez, 2013.

BEIVIDAS, Waldir. O lugar do sincretismo nas linguagens multicódicas. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, v. 10, n. 2, 2012.

BERNARDINO, Ana Carolina. Vozes que ressignificam além dos muros: análise discursiva de pichações em universidades. 2019. Dissertação de Mestrado. Programa de PósGraduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina. Londrina – Paraná. 113 p. 2019.

BERTRAND, D. “Figuratividade e Tematização: o efeito de profundidade”. In: BERTRAND, D. **Caminhos da semiótica literária**. Trad. Grupo CASA. Bauru, SP: EDUSC, 2003. pp. 207-231.

BORGES, Cláudia Cristina Neves da Luz. **Comunicação e cultura–relações (tensas) entre manifestações culturais periféricas e mídias: o caso hip hop**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 117 p. 2006.

BRANDÃO, Renata Ortiz. Divisões nos sentidos de “mulher”: argumentação, enunciação e político. **Letras & Letras**. v. 36, n. 1. p. 97-116, 2020.

BRITO, Renan De Vita Alves de; ZANELLA, Andréa Vieira. Formação ética, estética e política em oficinas com jovens: tensões, transgressões e inquietações na pesquisa-intervenção. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 12, p. 42-64, 2017.

CATAPHORA. Periódicos indexados (Qualis-Capes) da área de Letras e Linguística. Disponível em: <<http://www.cataphora.com.br/2007/10/periodicos-indexados-qualis-capes-da.html>>. Acesso em 20 jun. 2021.

CHICO, Alana Cristina Teixeira. ARTE GRAFFITI: UMA POSSÍVEL FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE FILOSOFIA. **Anais do Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos**, v. 2, 2017.

CNEWS. “Sous les pavés la plage”, “Il est interdit d’interdire”... les slogans phares de mai 68. 25 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.cnews.fr/france/2018-01-26/sous-les-paves-la-plage-il-est-interdit-dinterdire-les-slogans-phares-de-mai-68>> Acesso em 26 out. 2022.

CORDEIRO, Vinicius. Grafite de Marielle Franco sofre vandalismo com símbolos masculinos em Curitiba. **Paraná Portal**. 14 jun. 2020. Disponível em: <<https://paranaportal.uol.com.br/cidades/grafite-marielle-franco-vandalismo-curitiba>>. Acesso em 07 jul. 2022.

CORREA, Thiago Moreira. **Inscrições Urbanas: abordagem semiótica**. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística – Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral) – Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-02122016-134016/publico/2016_ThiagoMoreiraCorrea_VCorr.pdf>. Acesso em 26 ago. 2022.

CORREA, Thiago Moreira. Mudanças de suporte na história das inscrições urbanas. **Estudos Semióticos**, v. 17, n. 1, p. 72-81, 2021.

COSTA, Marcos Rogério Martins. Por trás do editorial: um estudo semiótico sobre o ator manifestante de rua. **Estudos Linguísticos**. v. 47, n. 3, 2018.

CRUZ, Evanilton Gonçalves Gois da Cruz. **Grafite: uma etnografia dos produtores da escrita urbana de Salvador**. Dissertação de Mestrado. – Universidade Federal da Bahia. 244 p. Salvador, BA, 2017.

CRUZ, Evanilton Gonçalves Gois da Cruz. **Grafite como prática de letramento: o muro e seus escritos**. 142 p. TCC – Trabalho de Conclusão de Curso. – Universidade Federal da Bahia. Salvador, BA, 2015.

CUNHA, Thiago da Silveira. **ENTRE RISCOS, NARRATIVAS E LEMBRANÇAS: esboço de uma memória coletiva da arte de rua em João Pessoa**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB. 158 p. 2019.

DA ROCHA, Lindalva da Silva. **Leitura semiótica do grafite na cidade do Rio de Janeiro**. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ. 2022.

DE SOUZA, Elisabete Gonçalves; BLANCO, Leticia de Souza. O grafite e a formação do espaço geográfico urbano: informação, educação e arte. **Revista Geografia, Literatura e Arte**, v. 2, n. 1, p. 141-159, 2020.

DO ESPÍRITO SANTO, Ana Telma. **Memorial: Projeto de intervenção pedagógica voltado para o trabalho com o grafite como instrumento de inserção dos pressupostos da lei 10639/03 no Plano de Sequência Didática (PSD) do 8º ano do ensino fundamental do colégio militar de Salvador**. Trabalho de Conclusão de Curso – Mestrado Profissional em Letras. – Universidade Federal da Bahia. Salvador, BA, 2015.

DOS SANTOS, Juliano Batista; BERTOLOTO, José Serafim; VOLTOLINI, Ana Graciela Mendes Fernandes da Fonseca. O graffiti nas ruas de Cuiabá: uma análise semiótica de imagens subversivas. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, v. 16, n. 3, p. 051-072.

DONDERO, Maria Giulia; REYES-GARCIA, Everardo. Os suportes das imagens: da fotografia à imagem digital. **Revista do GEL**, v. 16, n. 2, p. 163-190, 2019.

FILHO, Daniel Aarão Reis; MORAES, Pedro de. **68: a paixão de uma utopia**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FIORIN, José Luiz. Da necessidade da distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, Beth; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília (orgs.). **Texto ou discurso?** Editora Contexto. São Paulo, 2012.

FIORIN, José Luiz (Org.) **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013.

FLOCH, Jean-Marie. **Documentos de estudo do Centro de Pesquisa Sócios semióticas**. São Paulo: 2001.

FLOCH, Jean-Marie. Um tipo notável de semiose: os sistemas semissimbólicos. Trad. OLIVEIRA, Ana Claudia. In: **Theory and Practice. (Proceedings of the Third International Congress of the IASS, 1984)**, Berlin, de Gruyter, 1988, vol. 1.

FLOCH, Jean-Marie. **Petites mythologies de l'oeil et de l'esprit: pour une sémiotique plastique**. Paris/Amsterdan: Hadés/Benjamins, 1985.

FLOCH, Jean-Marie. **Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage II**. Paris: Hachete Université, 1986, 270 p

FLOCH, Jean-Marie. Verbete “Semiotiche sincretiche”. In: GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. C. **Semiotica: dizionario ragionato della teoria del linguaggio**. A cura di Paolo Fabbri. Milano: Mondadori, p. 319-320, 2007.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila

FONTANILLE, Jacques. Du support matériel au support formel. In: KLOCK-FONTANILLE, Isabelle. **L'Écriture entre support et surface**. Paris: L'Harmattan, 2005. p. 183-200. Disponível em: <https://www.unilim.fr/pages_perso/jacques.fontanille/articles_pdf/visuel/Ecritsupportskonclusion.pdf>. Acesso em 25 out. 2022.

FONTANILLE, Jacques. **Pratiques sémiotiques**. Paris: PUF, 2008

FOUCAULT, Michel. **L'archéologie du savoir**. Gallimard, Paris, 1969.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. Tradução de Alceu Dias Lima et al. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva: 2013. 2ª Edição. [1943]

KOERNER, Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. **Revista da ANPOLL**, v. 2, p. 45-70, 1996.

KOGAWA, João; KNETSCH, Patrícia Bucioli. Por uma análise do discurso “revolucionário” em pichações. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 61, p. 1-17, 2019.

LE GOFF, Jacques. **Documento/monumento**. G. Einaudi, 1978.

LIMA, Carolina Goetten de. **Paulo Leminski e a produção poética pós-moderna como resistência contracultural**. 2017. Dissertação de Mestrado. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. 2017.

LIMA, Fábio Rogério Batista. **O graffiti como patrimônio cultural material**. 2018. Tese (Mestrado em Ciência da Informação - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília. Disponível em:

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/153543/lima_frb_dr_mar_sub.pdf?sequence=6&isAllowed=y. Acesso em 03 dez. 2021.

LOCH, Claudia. **Do graffiti à ciberintervenção urbana interativa**. 2014. xii, 188 f., il. Tese (Doutorado em Artes) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

MACHADO, Rodrigo de Oliveira; PIZZINATO, Adolfo. Relações de autoria e audiência na pichação urbana: uma perspectiva dialógica. **Arquivos brasileiros de psicologia**. Rio de Janeiro. Vol. 73, no. 1 (jan./abr. 2021), p. 1-15, 2021.

O GLOBO. A COVID-19 no Brasil. **O Globo**. 10 out. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/fotogalerias/a-covid-19-no-brasil-24687346>> Acesso em 07 jul 2022.

OLIVEIRA, Fabrício César de. **Da saúde à qualidade de vida - por um humanismo bakhtiniano**. 2015. 244 p. Tese de Doutorado. – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP, 2015.

OLIVEIRA, Érika Consolata de. **Grafitos nas celas das delegacias de Itabaiana e Lagarto : um olhar através da análise crítica do discurso**. 2018. 38 p. TCC (Graduação em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, SE, 2018.

OLIVEIRA, Diogo. **Lambe-Lambe: Resistência à verticalização do Baixo Augusta**. Trabalho de conclusão de curso da Pós-Graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos na Universidade de São Paulo. 24 p. 2015.

PAIVA, Geórgia Maria Feitosa; MOREIRA, Hiran Nogueira; OLIVEIRA, Francisca Poliane Lima de. Análise crítica do discurso negro em forma de grafite: questionando sentidos dominantes através do discurso multimodal. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 69-82, 2015.

PENNACHIN, Deborah Lopes. Do spray aos pixels: um estudo semiótico sobre a ciberculturalização do graffiti. **Revista Digital do LAV**, v. 1, n. 1, p. 1-17, 2008.

PINTAMUROS. GRAPIXO: Moda ou Estilo?. Pintamuros: formas de arte urbana. 28 jan. 2012. Disponível em: <<http://pintamurosartebana.blogspot.com/2012/01/grapixo.html>> Acesso em 26 out. 2022.

PIOVESAN, Júlia de Paula. Frida Feminista – o feminismo invade as ruas de São Paulo. **Medium**. 25 mar. 2018. Disponível em: <<https://medium.com/araet%C3%A1/frida-feminista-o-feminismo-invade-as-ruas-de-s%C3%A3o-paulo-4503578c83cf>> Acesso em 26 out. 2022.

PORTELA, Jean Cristtus. História das ideias semióticas: entre cronistas e inovadores. **Estudos Semióticos**, v. 14, n. 1, p. 138-143, 2018.

PORTFÓLIO DO FÁBIO. Artigo Científico: uma breve história sobre o pixo. 25 nov. 2020. **Medium**. Disponível em: <<https://medium.com/portf%C3%B3lio-do-f%C3%A1bio/artigo-uma-breve-hist%C3%B3ria-sobre-o-pixo-700fffd04722>>. Acesso em 26 out. 2022.

PROJETEMOS. **#ruaéajanela #impeachmentbolsonaro #projecemos**. São Paulo, 15 jan. 2021. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CKFVv15HP-d/>>. Acesso em 31 ago. 2022.

PROJETO SOL. **Universidades Federais do Brasil**. Disponível em: <<https://www2.icb.ufmg.br/projetosol/?s=Universidades+Federais+do+Brasil>>. Acesso 20 jun. 2022.

PROJETO SOL. **Universidades Estaduais do Brasil**. Disponível em: <https://www2.icb.ufmg.br/projetosol/?page_id=1621>. Acesso 20 jun. 2022.

QUEIROZ, Priscila D. O. **O des-lugar da pixação: uma escrita de resistência**. 2016. 88 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santos. Vitória, ES. 2016.

REIS, Geovaneide Santos dos. **Inscritos e colagens nas celas das transexuais no complexo penitenciário Manoel Carvalho Neto (COPEMCAN): um estudo do *ethos* argumentativo**. 2022. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022.

ROUSSOS, Demis. **On écrit sur les murs**. Voice and Vision. 03:47. 1989.

SANTOS, Ana Paula Lacerda Barros. **ESCRITOS DA CIDADE: Investigação sobre a construção de obras com lettering nas ruas de Salvador**. 86 p. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal da Bahia. Salvador, BA, 2020.

SANTOS, Flavia Karla Ribeiro. **O conceito de figuratividade e as práticas de institucionalização da Semiótica no Brasil e na França**. 347 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), 2020.

SÃO PAULO VIVA TUDO ISSO. Obras de Kobra em São Paulo. **Cidade de São Paulo**. Disponível em: <<https://cidadedesapaulo.com/novidades/obras-de-kobra-em-sao-paulo/>> Acesso em 26 out. 2022.

SENA, Talita Késsia de; LUCAS, Ricardo Jorge de Lucena. **Análise semiótica do Mural d'os Gêmeos em parceria com Blu na Avenida Fontes Pereira de Melo, em Lisboa**. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE. 16., 15 a 17 maio 2014., João Pessoa. Anais... São Paulo: Intercom, 2014.

SILVA, Armando. **Atmosferas Urbanas: grafite, arte pública, nichos estéticos**. Trad. VALENZUELA, Sandra Trabucco: São Paulo. Edições Sesc São Paulo, 2014.

SILVA, Evelise Pereira da et al. **Sentidos em circulação nas carroças do projeto “Pimp My Carroça”: por uma análise discursiva**. 2021. 101 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, 2021.

SILVA JÚNIOR, J. P. da. **Análise do discurso amoroso nos muros de Guarabira/PB: um olhar a partir das pixações**. 2017. 56f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2018.

SOARES, Mariana Schuchter; SALGADO, Ana Cláudia Peter. A superdiversidade na paisagem linguística da cidade de Juiz de Fora (MG): o uso de diferentes línguas em grafites e pichações. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 112-137, 2015.

SOARES, Mariana Schuchter. Só barulho do spray foskando algum tom”: **Os grafismos urbanos na paisagem sociolinguística da cidade de Juíz de Fora/MG**. 2018. 213 f. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Juíz de Fora. 2018.

STEFANIU, Luciana Fracasse; RAIMO, Luciana C. Ferreira Dias. O espaço urbano, o grafite e a identidade do sujeito catador. **RUA**, v. 22, n. 1, p. 19-32, 2016.

SWIGGERS, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. **Confluência**, p. 39-59, 2013.

TAVARES, Edgley Freire. **Análise do discurso da resistência mossoroense ao ataque de Lampião**. 2015. 193f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

TEÓFFILO, Ana Bárbara de Souza. **O grafite como linguagem da cidade: um estudo da comunicação a partir das interferências do espaço urbano na manifestação do grafite na cidade de Manaus**, 2011.

VALENTIN, Dani. São Paulo Curiosa: #Di# e a pegadinha do Conjunto Nacional. **Terra**. 03 mai. 2016. Disponível em: <<https://chickenorpasta.com.br/2016/sao-paulo-curiosa-di-e-a-pegadinha-do-conjunto-nacional>> Acesso em 26 out. 2022.

VAZQUEZ MACIEL, Pedro Fernando. **O muro como elemento de mediação do grafite e da pichação em Foz do Iguaçu**. 2015. N.p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras, Artes e Mediação Cultural) – Universidade Federal da Integração Latino Americana, Foz do Iguaçu, 2015.